

# ESTRELA DE NARIËN

O RENASCER

---

SUSANA ALMEIDA



*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*

COLEÇÃO  
**TEEN**  
Uma aventura por mês



*Antigos escritos revelavam a existência de um artefacto, com um poder capaz de destruir o mundo. Diziam que fora criado por Deus e que caía do céu como uma estrela flamejante, afundando-se nas profundas águas do lago Nariën.*

*Com o passar dos anos, tal objeto despoletou a cobiça, o desejo de poder nos inúmeros povos. Guerras devastaram Impérios, ceifando a vida de milhares de inocentes.*

*“Uma vez o seu poder libertado, este varrerá  
o mundo dando início a uma nova Era”*

— EXCERTO DOS ESCRITOS

Muitos foram, os que seduzidos  
pelo seu poder ficaram...  
Muitos foram, aqueles que  
loucamente o procuraram...  
Muitos foram, aqueles que a sua  
vida lhe entregaram...

O seu nome...

Estrela de Nariën

## CAPÍTULO 1

### O Poder da Ambição

O aperto que Aheik sentia no peito era esmagador. Avançou direito à porta da cidade. Tinha de haver uma forma de abrir; era tudo o que conseguia pensar.

— Temos de partir, imediatamente — foram as palavras do enviado de Ramón.

— Kyran! — Voltou a gritar.

Lochan viu surgir espiões no cimo da muralha. Largou Rhys, precipitando-se para Aheik. Agarrou-o pelo ombro, voltando-o para si.

— Esquece-o, nada podemos fazer por ele — disse.

Aheik sentiu uma profunda raiva ao ouvir aquelas palavras.

Uma flecha cravou-se no solo.

— Se não deixarmos este lugar imediatamente, os nossos corpos serão crivados de flechas — asseverou Lochan.

Aheik repeliu a mão dele.

— Eu recuso-me a abandonar o Kyran!

A expressão de Lochan tornou-se indecifrável.

— Não me dás alternativa — murmurou, aplicando um ligeiro golpe na nuca de Aheik.

O cavaleiro sentiu a escuridão engoli-lo.

...

No interior das muralhas, os Shatrus cercavam Kyran. Este sabia que era inútil enfrentá-los, jamais conseguiria deixar a cidade com vida, acabara.

Um Shatrus ergueu o seu machado, soltando um grito de guerra.

— Que nenhum de vós dê um passo.

Por entre os Shatrus, Kyran viu surgir uma bela mulher.

— Dama Alyne! — Exclamou surpreso.

Os olhos de Étaín percorreram minuciosamente o corpo do cavaleiro.

— Desde a primeira vez que te vi nas Terras de Clazian, que soube que tinhas talento, cavaleiro. Desde esse preciso momento que me pertences.

O olhar de Kyran modificou-se.

— O que está a dizer não faz qualquer sentido, dama Alyne — disse.

Da boca de Étaín soltou-se uma gargalhada.

— Esquece a mulher que conheceste, cavaleiro. Alyne Basthor não existe, é somente um nome. Eu sou Étaín.

Um homem colocou-se à direita dela.

— Quem são vocês? Porque não são atacados...

— Vou ser bastante direta, cavaleiro. Se queres viver, terás de te aliar a mim.

Kyran riu sem vontade.

— Parece que o Lochan tinha razão — disse.

Os lábios de Étaín contraíram-se por segundos.

— Ouve-me bem, cavaleiro. Tomei o controlo desta cidade, e em breve tomarei todo este Império. Todos aqueles que me fizerem frente serão mortos. Estou a dar-te a oportunidade de fazeres parte de algo como nunca sonhaste — proferiu.

A espada de Kyran foi-lhe apontada num gesto hostil.

— Sou um cavaleiro, o meu dever é acabar com pessoas como tu.

Étaín cruzou os braços.

— Declinas a minha oferta? — Inquiriu.

— Oferta...

— Possuis uma técnica fantástica, mas não perfeita. Se te aliares a mim posso ajudar-te a atingir a perfeição.

O rosto de Kyran tornou-se assustadoramente sério.

— As tuas palavras podem ser música para os ouvidos de muitos homens, mas não para os meus — disse.

Da boca de Étaín soltou-se uma nova gargalhada.

— Sobrevalorizas-te bastante. Julgas, que por teres derrotado

Fatmir, não há ninguém que te consiga vencer num combate singular, cavaleiro?

A mão de Kyran crispou-se em redor do punho da espada.

— Vais ordenar-lhes que me ataquem, não vais? — Perguntou olhando em seu redor, vendo o desejo que flamejava nos olhos dos Shatrus.

— Não. Vou somente mostrar-te que podes ganhar muito se te aliars a mim — Étaín trocou um olhar com Wayra.

Aquele homem avançou para Kyran.

— Wayra derrotar-te-á como se fosses uma criança — ouviu o cavaleiro.

Com o olhar fixo naquela com quem falava, Kyran afirmou:

— Duvido.

Os lábios da elfo descontraíram-se num sorriso.

— Gosto dessa tua arrogância — disse.

Wayra estacou, desembainhando uma espada de punho negro. A confiança com que o fez dava claramente a entender a Kyran que estava perante um guerreiro como poucos.

— Vamos ver se és tão bom como tentas aparentar — provocou o cavaleiro.

A atenção de Wayra concentrou-se exclusivamente no adversário.

— Ataca — desafiou.

Kyran deu um rápido impulso. Wayra preparou a defesa. Mas, para sua surpresa, o cavaleiro baixou-se subitamente, rodando sobre si, antes de desferir a estocada.

Étaín sorriu.

— Serás meu... — murmurou.

As espadas colidiram no ar. Kyran não escondeu a sua surpresa pela sua estocada ter sido travada.

— Não estavas à espera, cavaleiro? — Perguntou-lhe Wayra.

Kyran não perdeu nem mais um segundo desferindo novo ataque.

As mãos de Étaín apoiaram-se nas suas ancas. O seu olhar, inexpressivo, seguia atentamente todos os movimentos do cavaleiro.

— Ataca — ordenou.

Os olhos de Wayra reluziram. Kyran foi incapaz de travar as investidas adversárias. Vários ferimentos espalharam-se pelo seu corpo num piscar de olhos.

— Então cavaleiro, não és o melhor? — Ironizou Wayra.

Um esgar percorreu os lábios de Kyran.

— Ainda não venceste — disse entre dentes.

Numa investida rápida, Kyran desferiu um golpe vertical. O peito de Wayra foi ferido. O seu rosto endureceu.

Nos segundos que se seguiram, Kyran não teve a verdadeira consciência do que lhe aconteceu; somente sentia a dor espalhar-se pelo corpo e quando se apercebeu estava caído. A sua espada jazia a alguns metros; o seu sangue gotejava sobre a calçada.

A espada de Wayra foi-lhe apontada à testa.

— Perdeste — ouviu.

Os punhos de Kyran fecharam-se compulsivamente.

— Como pudeste verificar, ainda estás longe de ser o melhor, cavaleiro — disse Étaín.

Kyran concentrou-se nela.

— Eu posso ajudar-te a consegui-lo. Basta que aceites a minha oferta.

— Os meus amigos virão...

— Os teus amigos? — Interrompeu Étaín — Aqueles que ajudaste a sair desta cidade partiram.

— Não, o Aheik nunca...

— Todos, Kyran. Foste somente mais uma lamentável vítima desta guerra.

Kyran sentiu o coração a galopar. Não podia ser verdade o que ouvia, Aheik jamais o abandonaria, eram os melhores amigos! Ergueu-se.

— Não acredito em ti!

Étaín estalou os dedos e as portas da cidade foram abertas.

— Volta-te e vê a realidade — disse.

Kyran, com o coração aos saltos, virou-se. No exterior não estava ninguém, nem o cavaleiro de Alcirin, nem Lochan, Rhys ou mesmo Aheik.



— Eles não me iam abandonar, tenho a certeza que... — calou-se.

Étaín trocou um sorriso com Wayra.

— Acreditas que desconhecíamos a existência da passagem que usaram para entrar na capital? — Perguntou este embainhando a espada.

Kyran fitou-o. O seu rosto mostrava uma visível surpresa.

— Não pode...

— Nós conhecemos todos os segredos desta cidade, Kyran, e asseguro-te que nenhum dos teus companheiros tentou entrar novamente em Rodänrien. Partiram, partiram simplesmente — proferiu Étaín com uma voz inocente.

Kyran deixou-se cair. Os seus punhos socaram o chão.

— Vou dar-te algum tempo para que ponderes na minha oferta. Mas lembra-te, cavaleiro, que aqueles que salvaste te abandonaram no momento em que mais precisavas e...

— Cala-te! — Gritou Kyran.

Étaín não prosseguiu, limitando-se a fazer um discreto sinal a dois Shatrus próximos dela. Estes agarraram o cavaleiro pelos braços, levantando-o. Kyran tentou resistir, mas acabou por ser arrastado pelas ruas da cidade em direção ao palácio.

...

Aheik sentia o corpo mover-se ao ritmo do galope do cavalo. Uma suave brisa perfumada agitava-lhe gentilmente os cabelos. Ao olhar em frente viu Líobhan. Piscou os olhos, olhou para si num impulso. Rapidamente se apercebeu que não era ele próprio.

— Estamos quase a chegar — informou a elfo.

Sentiu-se nervoso sem saber porquê. Olhou em volta. Árvores de densa folhagem rodeavam-no. Pássaros coloridos cantarolavam sobre os seus ramos; borboletas esvoaçavam perto de arbustos floridos.

Líobhan refreou a montada.

— Chegámos — anunciou.

Aheik viu-a desmontar, antes dele próprio o fazer. Ao contrário das vezes anteriores, Líobhan não envergava trajes de batalha, mas

sim um vestido com uma saia apropriada para montar. Finas tranças enfeitavam os seus cabelos acentuadamente dourados e os seus olhos continham um brilho capaz de subjugar quem os contemplasse por mais que breves segundos.

— Segue-me — pediu trocando um olhar com Eogan.

Ele seguiu-a por um trilho que derivava do principal, onde deixaram os cavalos. O som dos seus passos misturava-se com o canto das aves. À medida que avançava um ruído ensurdecedor tornava-se cada vez mais audível, abafando todos os outros. Parou. Deveria existir uma queda de água nas proximidades. Voltou a andar, agora com mais ligeireza, para acompanhar a elfo.

Líobhan estacou junto de um grande arbusto, voltou-se para ele, esboçando o sorriso mais fascinante que ele já vira numa mulher, antes de afastar a vegetação, desaparecendo através dela. Com um certo receio ele imitou-a, deparando-se com um lago de águas cristalinas. Junto da margem encontravam-se três pessoas. Duas usavam trajes de batalha, mas ele pôde aperceber-se que eram elfos. O terceiro era igualmente um elfo, vestido com um longo casaco fechado de um azul tão claro como os olhos de Líobhan, enfeitado com bordados a ouro, que cobria o seu corpo até um pouco abaixo da cintura. As calças eram mais escuras, de um material que ele não conseguia identificar. Olhando para ele sentia que era alguém importante somente pela sua presença.

— Desculpe tê-lo feito esperar, majestade — Líobhan fez uma vénia.

Aheik sentiu um arrepio percorrer o corpo de Eogan. Majestade!

— Aheik estás a ouvir-me — aquela voz parecia tão distante.

Abriu os olhos vendo o rosto de Lochan sobre si. Apercebeu-se que estava deitado no chão. Num impulso sentou-se. Levou a mão à nuca, sentindo-a latejar. Por instantes sentiu-se confuso, aquele sonho, Líobhan e aqueles três elfos... Majestade... Seria possível que Eogan tivesse tido a honra de conhecer o rei dos Elfos em pessoa!... Kyran, aquele nome trouxe-o de volta ao presente. Agarrou nos ombros de Lochan.

— O Kyran?

Lochan desviou o olhar.

— Lamento...

Aheik sentiu uma profunda raiva crescer dentro de si.

— Como pudeste! — Exclamou, recordando-se que Lochan o deixara inconsciente.

Lochan endireitou-se e Aheik, erguendo-se, socou-o no rosto.

— Abandonaste-o e obrigaste-me a fazê-lo!

Lochan levou a mão à face, massajando-a. Os seus olhos fixaram-se nos de Aheik.

— Nada podíamos fazer por ele — disse.

— Tu odeia-lo!

— Se tivéssemos ficado estaríamos mortos! Era isso que querias, Aheik, que morrêssemos todos?

O cavaleiro sentiu a raiva que pulsava dentro de si esbater-se. Lochan tinha razão. Baixou o rosto para o levantar de seguida, procurando Rhys. Encontrou-o ajoelhado ao lado de Lilith. Avançou para eles.

— Ela está...

— Viva. Mas precisa dos cuidados das avatares — disse Lochan.

Aheik viu as lágrimas rolar pelo rosto de Rhys. Apertou-lhe o ombro, como que para o reconfortar.

— Porque lhe fizeram isto, porquê Aheik? — Balbuciou Rhys.

— Ela vai ficar boa.

— Não percamos mais tempo, continuemos — disse o enviado do Senhor de Calçan.

Não tardou a que os cavalos galopassem a toda a brida em direção a Alcirin.

Ignorando que Aheik não o abandonara de sua livre vontade, Kyran deambulava pelo interior de um dos muitos quartos do palácio. Por mais que o tentasse, não conseguia compreender a partida de Aheik. Estacou, recordando-se das palavras de Étaín. Os seus olhos fecharam-se.

Deveriam ter passado somente alguns minutos, quando a porta daquela divisão se abriu.

— Chegou a hora da tua resposta — disse Wayra — Étaín aguarda-te na sala do trono. Segue-me.

Enquanto percorria o extenso corredor que o levaria à sala do

trono, Kyran reparou que não havia qualquer homem ou Shatrus presente.

Ao entrar na sala onde era aguardado viu Étaín sentada no trono que pertencia a Dionysus.

— Deixa-nos a sós, Wayra — ordenou a elfo com um olhar inexpressivo.

Este saiu fechando a porta nas suas costas.

— Penso que te dei tempo mais que suficiente para me dares a tua resposta definitiva, Kyran — referiu Étaín.

Ele achou a calma dela perturbante.

— Não sou lá muito paciente, cavaleiro — ouviu ainda.

— Porque hei-de aliar-me ao responsável pelo que se passou nesta cidade?

A boca de Étaín rasgou-se num sorriso de puro divertimento.

— Deixa-te de compaixão pelos mortos, Kyran. Tudo o que dizes é muito bonito, mas não serve absolutamente para nada. Olha para ti, és um miserável cavaleiro que tem de obedecer às ordens de terceiros. O que tens de teu?

Kyran desviou os olhos do rosto dela.

Étaín levantou-se.

— Eu posso dar-te ouro, palácios... Serás um líder, tens porte para isso, Kyran — disse.

Uma das sobrancelhas dele arqueou-se ligeiramente.

— Mas teria de acatar as tuas ordens — contrapôs.

A risada que se soltou da boca da elfo foi cortante.

— Apenas te pedirei cooperação.

— Não estarás a ser demasiado generosa para alguém que mal conheces?

Étaín olhou para uma das suas mãos, concentrando-se numa unha em particular.

— Oh mas eu conheço-te. Sei tudo sobre ti.

— Tens-me espiado.

Ela, continuando a observar a unha, sorriu.

— Disseste que me poderias tornar no melhor, é isso que quero. Quero ser o melhor — ouviu.

Os seus olhos fixaram-se em Kyran. Graciosamente, aproximou-se dele.

— Considera-o feito.

A mão dela tocou no rosto dele, o brilho dos olhos dela era deslumbrante. Kyran sentiu-se vacilar.

— A partir deste momento deixaste de ser quem eras, cavaleiro — segredou-lhe.

Kyran viu-a regressar ao trono.

— Amanhã bem cedo encontrar-nos-emos no jardim situado nas traseiras do palácio. Providenciarei para que te levem uma espada — disse ela sentando-se — Agora podes ir.

Ele deixou a sala.

— Parece que conseguiste — disse Wayra entrando.

— Aparentemente sim.

— Suspeitas das suas palavras?

Étaín cruzou as pernas. Sorriu.

— Em breve tudo o que o moverá será a ambição de se tornar no melhor. Os amigos do passado não serão mais que ténues recordações que não deixará interferir na sua ascensão. Ele já é meu.

## CAPÍTULO 2

### Revelação

Zahara fechava a porta do salão onde passara as duas horas anteriores na companhia de Nia. Avançou pelo extenso corredor recordando-se da proposta que a grande avatar lhe fizera. O Retiro da Senhora da Sabedoria era um lugar sagrado, onde Nia habitava desde que deixara Haiah e onde era proibida a entrada de aprendizas, com a exceção das propostas a avatares, como Lakshmi. Contudo e, com tudo o que se passara, Nia decidira abrir uma exceção para todas as outras aprendizas que quisessem prosseguir os seus estudos. Parou. Quando Nia lhe perguntara se era seu desejo concluir a sua aprendizagem no Retiro aceitara quase sem pensar.

Pouco depois batia na porta do quarto de Lakshmi; também ela iria para o Retiro onde Nia mencionara que habitavam mais duas avatares da Sabedoria: Maeve e Dáiríne Haiah. Enquanto a primeira já completara sessenta anos e vivera em Haiah por cerca de trinta instruído o segundo Nith, a segunda era somente dois anos mais velha que Narkissa e mal prestara o juramento e se tornara avatar deixara Haiah, habitando desde então no Retiro.

Minutos mais tarde Elisheba juntava-se a elas, anunciando-lhes que também partiria para o Retiro, assim como as suas colegas de Nith. Iantha quase que as obrigara a aceitar.

Conversavam sobre como seria a vida no interior do recinto sagrado, quando o relinchar de cavalos as levou a aproximar das janelas. No exterior vislumbraram aqueles que tinham partido para a capital. Lakshmi viu Aheik tomar uma jovem nos braços e dirigir-se para a entrada do palácio.

— O que terá acontecido? — Questionou a aprendiz de cabelos encaracolados.

Lakshmi deixou o quarto no mais profundo silêncio, as outras entreolharam-se e seguiram-na.

— Por favor, avatares, preciso urgentemente da vossa ajuda — chamou Aheik ao entrar na casa de Ramón.

Iantha e Nia não tardaram a surgir no átrio. Aheik foi ao seu encontro carregando nos braços a jovem desmaiada.

— Nia, Iantha Haiah por favor, ela precisa urgentemente dos vossos cuidados — afirmou.

Nia pegou no pulso da jovem. O seu rosto tornou-se pálido.

— Leve-a para um quarto. A sua vida esvai-se e em breve nada restará — disse.

Lakshmi estacou a meio da escada, quando viu Rhys entrar acompanhado por Lochan e também por um dos homens que Ramón enviara. O seu olhar desviou-se deles, quando as avatares e Aheik começaram a subir a escadaria.

— O que aconteceu? — Perguntou.

— Não há tempo para explicações. Esta jovem encontra-se entre a vida e a morte — foram as palavras de Nia.

O olhar de Aheik cruzou-se com o da aprendiz, no entanto ele não parou, limitando-se a seguir as avatares. Lakshmi voltou a olhar para os restantes recém-chegados. O homem de Ramón desapareceu por um corredor, deixando Rhys e Lochan no átrio.

— O que se passou, onde está o Kyran e o outro cavaleiro? — Perguntou Lakshmi descendo os restantes degraus, enquanto as outras duas aprendizas surgiam no cimo da escada.

Rhys, de rosto descaído, manteve-se no mais profundo silêncio.

— O outro enviado de Ramón perdeu a vida, Kyran... ficou preso no interior da cidade... Não sabemos se está vivo ou morto — respondeu Lochan.

Lakshmi concentrou o olhar em Rhys. Era capaz de sentir a sua dor.

— Quem era aquela jovem? — Indagou Elisheba parando junto deles.

— A irmã do Rhys. Encontrámo-la no palácio — respondeu uma vez mais Lochan.

O olhar da aprendiz de cabelos encaracolados fixou-se em Rhys. Dirigiu-se a ele.

— Venha — pediu pegando-lhe na mão.

O cavaleiro seguiu-a sem levantar os olhos uma única vez.

— Está assim desde que deixámos a capital — referiu Lochan.

Lakshmi fechou os olhos por segundos, antes de rodar sobre si e avançar de forma decidida para as escadas. Já no piso superior não tardou a encontrar-se com Aheik no corredor. Sem trocar com ele mais que um olhar entrou no quarto para se inteirar do estado da irmã de Rhys.

— Como é que ela está? — Perguntou Aheik mal a aprendiz deixou o quarto.

— Tem um golpe no abdómen. Nia diz que foi provocado por uma espada. Não atingiu nenhum órgão vital, mas perdeu muito sangue.

— Vai recuperar? Diz-mo por favor, preciso sabê-lo.

— As avatares estão apreensivas.

Lakshmi viu os punhos dele embaterem na parede.

— Vou voltar lá para dentro — informou.

Aheik fechou os olhos com todas as suas forças; Lilith estava entre a vida e a morte e Kyran, nem sabia se estava vivo!

...

Rámon estava reunido com os emissários enviados pelos governadores das restantes cidades do Império, quando foi informado que um dos cavaleiros que enviara à capital lhe queria falar com urgência. Pedindo licença deixou a sala encontrando-se com o cavaleiro no corredor. Rapidamente este o colocou a par da situação presente na capital. As mãos do governador de Alcirin fecharam-se até os nós dos dedos se tornarem esbranquiçados. Não podiam permanecer naquela inactividade, era preciso recuperar Rodänrien e expulsar os Shatrus. Rodou sobre si, voltando a entrar na sala.

Enquanto o Senhor de Calçan expunha a gravidade da situação aos emissários, a atenção de Aheik concentrava-se exclusivamente na porta do quarto onde se encontrava Lilith.



Finalmente, horas depois, as avatares informavam todos que Lilith já não corria perigo de vida, embora o seu estado ainda inspirasse cuidados.

Durante o resto do dia houve uma grande agitação, com várias pessoas a entrar e a sair da moradia do Senhor de Calçan; carruagens partiam e chegavam constantemente e, quando a noite chegou, tanto as aprendizas como as avatares tomaram a sua refeição longe do salão principal, totalmente ocupado por nobres e seus emissários.

Enquanto as aprendizas do primeiro Nith e Zahara se dirigiam para os seus aposentos, Lakshmi deixou o edifício percorrendo os jardins. A brisa da noite fustigava-a suavemente. Estacou ao deparar-se com alguém sentado no rebordo de uma fonte.

— Aheik — chamou.

Ele pareceu despertar. Ao olhar nos olhos dele, ela viu as lágrimas que bailavam neles.

— Perdi o Kyran, Lakshmi. Nunca me irei perdoar... ele era o irmão que nunca tive... — ouviu.

Sentiu um forte impulso de o abraçar. Não o fez.

— Tinhas razão... disseste-me que se fosse à capital dor e lágrimas... — Aheik calou-se.

Lakshmi percorreu a curta distância que os separava. Agachou-se junto dele. Pegou-lhe nas mãos, fechando-as nas suas, enquanto os seus olhos procuravam os dele.

— Quem me dera poder tirar a tristeza do teu olhar, a dor que consome o teu coração — murmurou quase sem ter noção.

Aheik sentiu o coração palpitar com uma intensidade assustadora. Levantou-se, ela endireitou-se, mas sem nunca largar as mãos dele. Repentinamente ele afastou as suas. Lakshmi ficou sem reação quando os braços de Aheik a envolveram, puxando-a contra o corpo dele.

— Obrigado — segredou-lhe Aheik — Obrigado por estares aqui comigo.

Sentiu-se estranha. Fechou os olhos apoiando a cabeça no peito dele, ouvindo simplesmente os batimentos do seu coração. Sentia-se tão bem junto dele.

— Já não deverias estar nos teus aposentos, Lakshmi? — Ouviram.

A aprendiz libertou-se dos braços do cavaleiro.

— Desculpe — pediu.

Nia fitava-a com uma expressão dura, o que a fez perceber que estava na hora de regressar ao palácio. Fê-lo sem voltar a trocar uma palavra com Aheik.

— Pedi-lhe que se afastasse, senhor Denham — recordou a avatar uma vez a sós com o cavaleiro.

— Não é o que está a pensar, Senhora, ela só...

— Não precisa dizer-mo, vejo claramente nos seus olhos a dor que faz o seu coração chorar. Mas creio que chegou a hora de lhe revelar um facto que ainda desconhece — A avatar sentou-se num dos vários bancos de pedra em redor da fonte — Vejo muitas coisas somente ao olhar para alguém, senhor Denham, e mal os meus olhos pousaram em si, vi que ama Lakshmi. Sei que os seus sentimentos são sinceros, que brotam do seu coração, da sua alma, assim como sei que jamais a magoaria, que a faria feliz, mas...

— Mas?

Os olhos de Nia mergulharam profundamente nos dele. Ele sentiu-se desconfortável.

— Sabe qual é o sonho dela, cavaleiro?

— O sonho dela?!

— Você, na verdade não sabe nada sobre ela, não a conhece...

Lakshmi tem o sonho que muitas aprendizas que já integraram o terceiro Nith tiveram, mas que, infelizmente, só muito poucas conseguiram alcançar. Ela sonha tornar-se avatar.

Aheik sentiu um calafrio. Lakshmi sonhava tornar-se em alguém como Nia!

— Vejo pela sua expressão que o ignorava — Nia levantou-se

— Nem todas aquelas que integram o terceiro Nith e terminam os seus estudos podem tornar-se avatares, mas ela foi proposta para se tornar uma de nós, o que acontecerá dentro de um ano, ou menos.

— Desculpe, mas onde quer chegar, Senhora?

A expressão de Nia tornou-se gélida.

— Para ascenderem a avatares, as aprendizas devem ser puras de corpo e alma. Não podem envolver-se em pecados carnis, para me fazer entender melhor.

Aheik tentou desviar o olhar do daquela mulher, mas por mais que o tentasse era incapaz de o fazer.

— Você gosta dela, mas é um homem. Será capaz de amar uma mulher à qual nem um único beijo poderá dar?

Aheik sentiu-se como uma gota de água perdida no mais vasto dos oceanos.

— Será capaz de esperar? Será capaz de resistir aos seus impulsos? Oiça bem as minhas palavras, cavaleiro. Lakshmi é pura e pura terá de continuar a ser para se tornar avatar, ou então, o único sonho que tem quebrar-se-á como o mais belo dos espelhos ao cair no chão.

— Eu...

Os olhos de Nia fixos nos seus sem pestanejar silenciaram-no.

— Nem um beijo, um único beijo poderá profanar os seus lábios, ou o seu sonho desaparecerá como a neve derrete sob o sol. O seu amor será suficientemente forte para aguentar tal provação, Aheik?

Ele baixou o rosto, assimilando tudo o que ouvira.

— Nunca fui casada, cavaleiro. Não porque não tivesse quem desejasse a minha mão, mas porque ser uma avatar sempre foi a minha prioridade. Na verdade, depois do juramento e de alguns anos em Haiiah, as avatares podem deixar aquele recinto e ter vidas normais. Podem casar, ter filhos, enfim uma família. Está disposto a esperar anos por alguém, senhor Denham?

Aheik encarou-a.

— O que sinto pela Lakshmi é... é indescritível. Sinto que ela é parte de mim, que sou dela desde que nasci...

— Belas palavras, mas que não respondem à minha pergunta.

— Esperaria. Esperaria dias, semanas, anos, séculos se fosse preciso.

A expressão de Nia não foi minimamente abalada pelas palavras dele.

— Ela aceitou partir para o Retiro da Senhora da Sabedoria. Terminará lá a sua instrução e prestará o seu juramento, depois será uma avatar. Está preparado para passar anos sem a ver ou ter qualquer notícia da sua parte?

— A forma como fala, o gelo que inunda a sua voz, porquê? Porque parece querer afastar-me dela como se eu fosse uma ma-leita?

Os lábios da avatar comprimiram-se.

— Porque conheço os homens. Se estivesse a sós com ela, acha realmente que se conseguiria controlar, controlar os seus desejos, os seus impulsos? Seria capaz de não lhe tocar?

Aheik sentiu uma certa ponta de irritação na voz daquela mu-lher.

— Se é o sonho dela tornar-se avatar eu respeitá-lo-ia, quer es-tivéssemos sozinhos ou no centro de uma praça repleta de gente.

— Para o bem dela, espero sinceramente que as suas palavras correspondam à mais pura verdade.

— Jamais desrespeitei uma mulher.

Nia baixou o rosto soltando um profundo suspiro.

— Um beijo na testa, ou nas costas da mão são permitidos — disse afastando-se.

Aheik manteve-se imóvel. Porque parecia aquela mulher que- rer afastá-lo por todos os meios de Lakshmi? Levantou o rosto para o céu. Jamais pensara que ela quisesse tornar-se em alguém tão frio e aparentemente insensível, como as avatares o eram.

Nia deteve-se junto a uma estátua. Iantha, com uma capa sobre os ombros, fitava-a.

— Parece gostar realmente dela — mencionou.

— Os seus sentimentos são verdadeiros, ele ama-a e nunca a magoaria. Vejo nos seus olhos que prefere sacrificar-se do que des- truir o sonho dela — murmurou Nia.

— Mas não lhe contou tudo, pois não?

— Não, não lhe revelei o que vi quando os meus olhos pousa- ram em ambos naquele dia em Rodänrien. Os laços do destino en- trelaçam-nos como nunca vi em toda a minha vida. Mas esses laços estão crivados de espinhos, espinhos que os farão sangrar.

Iantha apertou a capa nos ombros.

— Lakshmi também nutre sentimentos por ele, embora não o tenha manifestado abertamente — disse.

Nia alisou a saia.

— Ela sabe que sente algo por ele, embora não tenha ainda definido o sentimento que inunda o seu coração quando simplesmente o vê, ou ouve proferir o seu nome.

Iantha viu uma súbita tristeza manifestar-se no rosto da grande avatar. Nia levou a mão à sua kalis, apertando-a sob as vestes. Via espinhos, lágrimas, dor, desespero em torno de Lakshmi. O destino ia colocá-la à prova de forma cruel, obrigando-a a escolher entre o sonho de toda uma vida e o amor que o seu coração desejava ardentemente.

## CAPÍTULO 3

### Um Rosto do Passado

**U**m raio de sol incidiu sobre a face de Étaín, despertando-a.  
— Entre — disse ao escutar uma leve batida.  
Wayra entrou.  
— Madrugaste — comentou a elfo.  
— Os Shatrus estão reunidos. Hoje será eleito o novo líder.  
— Já não era sem tempo. E o nosso candidato?  
Wayra encostou-se à porta, que entretanto fechara.  
— Está pronto.  
Étaín levantou-se, envergando unicamente uma camisola de seda que lhe delineava as formas do corpo.  
— Excelente.  
Wayra viu-a trocar de roupa antes de perguntar:  
— Como vai o teu novo fantoche?  
— Presumo que te refiras ao Kyran. Aprende depressa.  
— Ele será realmente de confiança?  
A elfo afastou alguns cabelos do rosto.  
— Sei ser bastante persuasiva, sei plantar sementes na sua mente, sementes que germinarão de forma a fazê-lo odiar todos aqueles que um dia considerou amigos.  
— Assim o espero.  
Étaín endireitou o busto.  
— Nomearei Kyran capitão dos cavaleiros — disse.  
— Cavaleiros!?  
— Em breve reunirei alguns homens que se tornarão nos novos cavaleiros de Rodänrien sob as ordens de Kyran. Quero esmagar todos aqueles que se opuserem à coroação de Zaphyr e consequentemente a mim.  
— Haverá focos de resistência, isso será uma certeza.

— Exacto, e quem resistir será domado pela força. Quero ter o controlo total deste Império.

Wayra esboçou um sorriso.

— Faz-me um favor, diz ao Kyran que os nossos assuntos hoje serão tratados somente ao entardecer. Quero assistir à nomeação do novo líder — pediu Étaín.

— Fá-lo-ei.

Wayra parava minutos depois em frente de uma porta. Sem bater, abriu-a entrando no quarto a que dava acesso. Kyran dormia, a seu lado, na cama, estavam duas mulheres.

— Hora de acordar — disse em voz bastante audível.

Kyran abriu os olhos, as mulheres despertaram apressando-se a cobrir os seus corpos desnudados com o lençol.

— Não sabes que é má educação entrar no quarto de alguém sem bater? Não vês que estou acompanhado, Wayra.

Este lançou um olhar às mulheres.

— A vida delas foi poupada para nos servirem...

— E foi isso mesmo que elas fizeram, serviram-me — interrompeu Kyran sentando-se.

O rosto de Wayra contorceu-se ligeiramente, antes de o informar que os seus assuntos com Étaín teriam lugar somente ao entardecer. Kyran viu aquele homem voltar-lhe as costas e sair. Ignorou os beijos daquelas por quem estava acompanhado, assim como as carícias das suas mãos no seu corpo; tudo o que conseguia pensar era no motivo que teria levado Étaín a adiar o seu treino. O que poderia ser mais importante do que transformá-lo no melhor?

...

Lilith abriu os olhos, todo o seu corpo latejava, sentia a boca terrivelmente seca, a garganta doía-lhe. Olhou para o lado.

— Rhys... — a sua voz era fraca.

Este, sentado numa cadeira ao lado da cama, dormitava debruçado sobre esta.

— Acordaste! — Disse o cavaleiro abraçando-a com as lágrimas a chegarem-lhe aos olhos.

As mãos de Lilith acariciaram o rosto do irmão, enquanto lhe pedia para não chorar. Rhys, com um sorriso de alegria no rosto, apressou-se a secar os olhos, dizendo-lhe que tivera muito medo de a perder. Lilith tentou sorrir para o sossegar, mas o seu sorriso perdeu-se, quando a expressão do irmão se tornou terrivelmente séria ao perguntar-lhe:

— Quem foi, diz-me quem cometeu tamanha barbaridade contigo?

Ela desviou o olhar.

— Eu... não me recordo — murmurou.

Nesse momento alguém entrou.

— Parece que acordou, ainda bem — referiu uma mulher já de idade.

Rhys apresentou Nia a Lilith e explicou-lhe que esta e uma outra avatar a tinham ajudado. Nia, após ter verificado a temperatura da jovem em convalescença, voltou-se para o cavaleiro que lhe referiu que a irmã não tinha memória de quem cometera tal crueldade para com ela. A avatar explicou-lhe que Lilith sofrera um grande choque e que somente com a passagem do tempo as memórias daquele dia voltariam. O importante era não a forçar a recordar para não comprometer a sua recuperação.

A porta voltou a abrir-se deixando entrar Aheik. Lilith abraçava-o pouco depois segredando-lhe:

— Pensei que nunca mais te voltaria a ver.

Ele pegou-lhe na mão, beijando-a.

Nia olhou de soslaio para a porta, que o cavaleiro deixara aberta. Zahara encontrava-se na soleira.

— Por favor, pede na cozinha que lhe tragam uma sopa.

A aprendiz apressou-se a cumprir o pedido da avatar. Deixava a cozinha quando se cruzou com o Senhor de Calçan.

— Bons dias, dama minha. Deixe-me dizer-lhe que estais linda.

— Bom dia — limitou-se a cumprimentar.

— Nia Haiyah comunicou-me que partirá para o Retiro muito em breve, dentro de um ou dois dias. Disse-me ainda que vós ireis acompanhá-la, pensei em pedir-vos que não o façais.



Zahara reparou que o olhar dele se prendia demoradamente no seu decote.

— Talvez devesse concentrar-se mais no seu dever, senhor, do que nos meus seios. Agora, com sua licença, tenho mais que fazer do que ouvir os seus galanteios — disse passando por Ramón.

Cerrando os punhos de irritação regressou aos seus aposentos.

— São todos iguais, todos, malditos! — Exclamou furiosa ao entrar.

— Talvez não seja boa altura para conversarmos — ouviu.

Só então reparou que Lakshmi se encontrava presente. Sem disfarçar o seu mau humor ajeitou as vestes.

— Desculpa mas... não interessa — acabou por dizer.

— Nia informou-me que íamos partir, o mais tardar depois de amanhã.

— Sim, foi o que ouvi dizer.

A aprendiz do terceiro Nith baixou o rosto. Zahara estranhou a sua atitude.

— Pensei que ficasses mais feliz — comentou.

— Serias capaz de abandonar o sonho de toda uma vida por alguém?

Zahara franziu as sobrancelhas.

— Um sonho... não sei. Mas digo-te que não o faria por homem nenhum. Idiotas, são todos iguais! Acreditas que Ramón voltou a cortejar-me e nem disfarçou o modo como olhava para o meu decote!

Lakshmi percebeu então o motivo pelo qual ela se mostrava tão irritada.

— Ainda bem que vamos partir, porque acho que se ele se volta a aproximar de mim com os seus galanteios, não serei capaz de me conter e... — Zahara calou-se, recompondo-se.

— Sim, talvez seja realmente bom deixar Alcirin. Vou ver como está a irmã do Rhys.

— Já acordou. Quando a vi estava abraçada àquele cavaleiro de olhos azuis, Aheik não é?

— Sim — confirmou Lakshmi.

— Pelo modo como o abraçava creio que são mais do que amigos.

Lakshmi sentiu o coração apertar-se ao ouvir aquelas palavras. Não percebia porquê. Ao sair dos aposentos da outra aprendiz deparou-se precisamente com Aheik.

— Será que podemos falar, a sós? — Perguntou-lhe ele.

— A sós...

Ele agarrou-lhe na mão.

— Vem comigo — pediu.

Aheik conduziu-a até uma sala onde vários mapas do Império ornamentavam as paredes.

— Ontem Nia disse-me que o teu sonho era tornares-te avatar, é verdade? — Começou por perguntar.

Ela, a poucos passos da porta, desviou o olhar.

— Sim, é verdade.

— Pelas suas palavras percebi que esse sonho é muito importante para ti.

— É algo que sempre desejei desde que entrei pela primeira vez em Haiah.

Aheik esboçou um sorriso que rapidamente se esbateu.

— Desculpa — pediu.

Lakshmi fitou-o surpresa.

— Na noite em que fui ao teu quarto, em que te declarei os meus sentimentos, se Iantha não tivesse chegado teria destruído o teu sonho.

Lakshmi sentiu o coração palpitar, ele falava do beijo que quase acontecera!

Aheik avançou para ela.

— Nia revelou-me as condições para que possas ascender a avatar.

— Aheik...

Ele colocou-lhe um dedo sobre os lábios. Os olhos dela perderam-se nos dele, que lhe recordavam o mar que já há muito não via. O seu coração parecia querer saltar do peito ao ouvi-lo dizer que tudo o que lhe dissera naquela noite era verdade, mas que não queria destruir o sonho dela, pelo que, queria que ela soubesse que estava disposto a esperar, esperar os anos que fossem precisos.

— Não posso pedir-to — disse quando ele terminou.

— Não mo estás a pedir.

— Não estás a compreender, Aheik, serão anos, décadas, não dias. Dentro em breve partirei para o Retiro, não nos voltaremos a ver.

A mão dele deslizou suavemente pelo rosto dela.

— Entreguei-te o meu coração no preciso momento em que te vi naquela praça em Rodänrien, é teu, pertence-te, hoje ou daqui a cinquenta anos. O que sinto por ti preenche todo o meu corpo, inunda a minha alma.

Lakshmi fechou os olhos, ele estava a ser sincero, sentia-o.

...

Étaín e Wayra viam os Shatrus eleger o seu novo líder após este ter vencido treze combates, como impunha a sua tradição.

O rufar dos tambores de guerra tornou-se ensurdecedor, assim como os clamores de todos os Shatrus presentes, quando um Shatrus levantou os braços depois de ter deixado o oponente inconsciente a seus pés. Étaín inclinou-se para Wayra perguntando-lhe se era aquele. Este anuiu dizendo-lhe que se chamava Vahor e que no dia seguinte se apresentaria perante ela. A elfo, depois de submeter o novo líder dos Shatrus a um rápido exame, fez sinal ao seu homem de confiança. Juntos abandonaram a praça regressando ao palácio, enquanto os Shatrus davam início aos festejos. Repentinamente alguém surgiu na rua que percorriam. A mão de Wayra aproximou-se do punho da espada.

— Acho que não me revelaste tudo — disse Kyran.

Étaín observou-o com certa desconfiança.

— Talvez.

Kyran cortou-lhe o caminho.

— Exijo saber tudo.

Wayra soltou uma gargalhada.

— Quem pensas tu que és? — Perguntou com sarcasmo.

Étaín cruzou os braços.

— Queres saber tudo, Kyran. Muito bem, quando sentir que me és totalmente fiel revelar-to-ei.

— Não sou um cão como esse, que te lambe as botas.

Wayra desembainhou a espada, porém a elfo estendeu o braço na sua frente.

— Deixa-nos a sós — pediu.

Wayra lançou um olhar de profundo ódio ao cavaleiro e embainhou a espada, desaparecendo por uma rua transversal.

— Em primeiro lugar, deixa-me esclarecer que Wayra é o único em quem confio plenamente de entre todos aqueles que me rodeiam. Não tolerarei que o desrespeites, pelo menos não na minha presença — a frieza era detetável na voz de Étaín.

— A minha cooperação é contigo e somente contigo.

— Estás mais arrogante do que deverias, Kyran.

— Quero somente deixar bem claro que ele não me dá ordens.

Étaín esboçou um sorriso.

— Muito bem já o deixaste claro.

— Diz-me, o que faziam os Shatrus e o porquê do teu interesse neles.

— Os meus assuntos com os Shatrus são unicamente com eles. Mas posso dizer-te que elegiam aquele que vai suceder a Dudka, Vahor.

— Dudka... Foste o seu carrasco, estou certo?

Um estranho brilho dardejou dos olhos de Étaín.

— Deixo isso ao teu critério — respondeu.

— Quem és tu realmente, Étaín?

Ela riu-se, mostrando-se divertida.

— Queres realmente saber quem sou?

Étaín afastou os cabelos deixando as orelhas a descoberto.

— Uma elfo, como é que não percebi.

Ela estranhou a aparente calma e nada surpresa reação dele.

— Não pareces muito surpreendido — comentou.

— Se fosse há algum tempo atrás certamente me mostraria, mas depois... — calou-se.

Étaín avançou para ele.

— Depois do quê? Viste mais algum elfo?

— Não um, mas três.

A expressão de Étaín tornou-se gélida.

— Nomes. Quero os seus nomes, já!

— Líobhan, Arben e Decker.

Os olhos dela faiscaram.

— Aqueles malditos — disse mordendo a unha do polegar — Como os conheceste, como soubeste que eram elfos? — Perguntou com uma voz terrivelmente séria.

— Não sei muito à cerca deles, somente que me ajudaram a mim e ao Aheik. Por algum motivo querem protegê-lo de alguma coisa ou alguém.

O coração de Étaín quase parou.

— Proteger... Aheik, quem é?

— O cavaleiro que empurrei para fora da cidade antes das portas se fecharem.

— Diz-me, é muito importante, conhece-lo há muito?

Kyran estranhou o súbito interesse dela.

— Desde que nasceu. Crescemos juntos, somos, éramos, os melhores amigos.

— Responde-me sem rodeios, ele possui alguma marca de nascença, um sinal, alguma coisa?

Kyran pareceu pensativo.

— Sim, tem uma pequena marca sob a costela direita.

Étaín cambaleou como se se sentisse mal.

— Estás bem?

— A marca sob a costela, Líobhan quer protegê-lo... é ele, só pode ser ele, Eogan — disse em voz suficientemente audível para que Kyran pudesse ouvir.

— Eogan, como sabes?

Só então ela pareceu ter noção que falara em voz alta.

— Como sei o quê?

— O nome que proferiste, Eogan. Aheik começou a ter estranhos sonhos em que dizia que o tratavam por esse nome.

O rosto da elfo empalideceu drasticamente, se restavam dúvidas agora elas desapareciam. Aheik era a reencarnação de Eogan e ela estivera tão perto dele sem ter a mais pequena noção de quem ele era.

— Acabas de me dar uma informação extremamente valiosa, Kyran — disse, afastando-se com passos tão rápidos que ele não a conseguiu acompanhar.

Pouco depois estava sobre a muralha. Apoiou-se numa ameia perscrutando o horizonte.

— Encontrei-o, Lóghan, mas se pensas que o podes proteger de mim estás enganada. Não vou permitir que ele volte a interferir — disse.

Endireitou-se. O vento agitou-lhe os longos cabelos tão negros como o ébano. Levou uma mão atrás das costas, desembainhando a sua espada élfica. Um sorriso puramente malicioso percorreu os seus lábios, enquanto se lembrava do momento em que, com aquela mesma arma, trespassara o corpo de Eogan.

## Informações Preciosas

A escuridão banhava Alcirin. Lakshmi acabava de vestir a camisa de noite. Apertou os atilhos do peito, antes de se aproximar da janela. A lua erguia-se majestosa no firmamento. A sua mão tocou delicadamente no vidro.

— Ele disse que esperava... — murmurou.

Fechou os olhos, vendo bailar numa dança aleatória as duas alianças em ouro branco, antes destas se tocarem, entrelaçando-se.

— O que significa? — Perguntou como se alguém lhe pudesse responder.

Fechou os cortinados antes de se deitar.

Numa sala do piso térreo, Ramón pedira a presença de Lochan, Aheik e Rhys começando por informá-los, que em concordância com os representantes máximos das restantes cidades, fora traçado um plano de ataque à capital.

— Sabemos graças a vós, meus amigos, que os Shatrus se encontram em Rodänrien e vamos certificar-nos que acabamos com esses malditos de uma vez por todas. As duas cidades mais próximas enviarão cavaleiros, que se juntarão a nós. Chegaremos à capital e forcemos as portas. Todos temos plena consciência que não será uma batalha fácil, mas o nosso número será superior ao do inimigo e espero sinceramente que essa vantagem nos dê a vitória — concluiu.

— Quando partimos? — Perguntou Lochan.

— O mais tardar depois de amanhã.

Já sem a presença de Ramón e dos dois cavaleiros na sala, Lochan bateu com as mãos na longa mesa de madeira à sua frente. Os Shatrus não seriam os únicos que teriam de enfrentar, Étaín e Wayra encontravam-se igualmente em Rodänrien, assim como Kyran. Étaín estava interessada nele e se ele ainda estivesse vivo e se tivesse

deixado enfeitiçar pelas promessas dela, Aheik teria perdido o seu amigo e se assim fosse, todos iam desejar que Kyran tivesse morrido naquele dia.

A noite dava lugar ao dia horas mais tarde. Zahara levantou-se ao ouvir a voz de Iantha no corredor. A avatar abriu a porta do quarto da aprendiz do segundo Nith dizendo-lhe para se preparar, pois deixariam ainda naquela mesma manhã Alcirin. Zahara apressou-se a trocar de roupa e descer para o pequeno-almoço, encontrando-se com Lochan no átrio.

— Iantha comunicou-me a vossa partida. Espero que uma vez no Retiro possas terminar os teus estudos — disse-lhe ele.

Os olhos dela quase involuntariamente procuraram os dele. Sentiu o coração bater aceleradamente ao ver o carinho neles.

— Fá-lo-ei — disse.

Lochan sorriu, ela desviou o olhar.

— Vais ficar em Alcirin? — Perguntou.

— Não. Partirei com os cavaleiros muito em breve para a capital.

— Vais voltar a enfrentar aqueles monstros! — Exclamou com mais preocupação do que desejava que a sua voz deixasse transparecer.

O rosto dele tornou-se frio.

— Vou — respondeu.

— Não és um cavaleiro, não tens qualquer obrigação de o fazer!

Lochan levou uma mão ao peito, colocando-a sobre o coração.

— Aqui reside a minha obrigação — disse.

As mãos de Zahara fecharam-se.

— Porquê, porque vais, procuras glória, é isso? — Perguntou.

— Não, não procuro glória alguma.

— Porque é que vocês, homens, são tão casmurros! Porque insistem em colocar-se em perigo, quando não precisam de o fazer? Porque não permites que os cavaleiros se ocupem desses assuntos, é o seu dever, não o teu.

Lochan olhava-a sem expressar a menor emoção.

— Quem te ouvir falar até pode pensar que estás preocupada comigo — comentou.



Ela sentiu um ardor no rosto.

— Preocupada contigo! Porque me haveria de preocupar com alguém como tu?

— Não sei, diz-mo tu?

Ela tentou controlar-se, mas era tão difícil.

— Ainda bem que não te voltarei a ver — proferiu passando por ele.

Não dera mais que dois passos, quando a mão dele no seu braço a fez parar. Encarou-o com os olhos a faiscar.

— Solta-me — exigiu.

— Acalma-te, não queria que partisses zangada comigo.

— Tens o dom de me pores fora de mim!

A expressão de Lochan tornou-se séria. Zahara viu-o levar a mão ao bolso das calças.

— Pareceste ter gostado da outra — ele colocou-lhe uma flor na mão.

Zahara viu que se tratava de um lírio branco.

— Cuida de ti — ouviu, antes de o ver deixar o edifício.

Olhou para a flor, sem saber o que pensar.

Cerca de uma hora mais tarde uma carruagem estava pronta para levar as avatares e as aprendizas para o Retiro. Ramón tinha ainda dispensado alguns homens para as escoltar.

— Agradeço-lhe pela sua hospitalidade, senhor — disse Nia.

— Foi uma honra ter podido privar da vossa presença, avatares. Serão sempre bem-vindas a Alcirin.

Iantha fez um aceno ao Senhor de Calçan e entrou na carruagem. Elisheba e as suas duas colegas de Nith seguiram-na. Zahara ignorou as palavras que Ramón lhe dirigiu limitando-se a voltar-lhe as costas e a entrar na carruagem, enquanto Nia focava a sua atenção em Lakshmi. Fechou os olhos.

— Vai, mas não te demores — disse.

Lakshmi sentiu um arrepio.

— Vai despedir-te dele.

Exibindo um sorriso, a aprendiz do terceiro Nith agradeceu, apressando-se a tomar a direção de uma fonte. Junto desta, Aheik não escondeu uma expressão de surpresa.

— Nia deu-me permissão para me despedir — disse Lakshmi mantendo alguma distância do cavaleiro.

Ele sorriu.

— Hesitei em aproximar-me, não queria arranjar-te problemas.

Lakshmi contemplou os olhos dele. A sensação de que conhecia aquele olhar, que aquele simples olhar a fazia sentir como nunca se sentira inundava o seu peito.

Aheik estendeu-lhe uma pequena caixa de madeira. Era bastante simples, não poderia conter nada de valor.

— Sei que, provavelmente, vão passar longos anos até que nos voltemos a ver, mas gostaria que aceitasses este presente. Não é valioso, na verdade neste momento não tenho muito dinheiro comigo para comprar um presente digno de ti, mas é do coração.

Ela aceitou a caixa que ele lhe estendia. Um sorriso aflorou no seu rosto ao abri-la, deparando-se com um anel. Era simples, bastante simples, sem qualquer ornamento ou pedra.

— Usá-lo-ei sempre — assegurou, voltando a contemplar os olhos dele.

— Será que Nia se importa se... Será que to posso colocar no dedo?

Lakshmi sentiu o coração palpitar descontroladamente, ao estender a caixa para ele. Aheik retirou o anel e olhando bem o rosto dela colocou-lho no dedo anelar esquerdo.

— Recordar-me-ei de ti sempre que olhar para ele — disse a aprendiz.

Os lábios dele sorriram. Subitamente ela desviou o rosto; ele dera-lhe um anel mas ela não tinha nada para lhe dar.

Aheik viu-a tirar a fita que lhe prendia os cabelos.

— É tudo o que tenho — ela estendeu-lhe a fita.

Aheik aceitou-a.

— Tê-la-ei sempre comigo.

Lakshmi olhou para o anel.

— Vais mesmo esperar? — Perguntou.

Aheik tocou-lhe na face atraindo a atenção dela novamente para si.

— Dei-te a minha palavra, não a vou quebrar.

Lakshmi tocou na mão dele, que lhe acariciava o rosto.

— O que sinto por ti... é exactamente igual ao que sentes por mim...

Sob o olhar de Nia, Aheik levou a mão de Lakshmi aos lábios, para depositar um beijo no anel que lhe dera.

— Boa viagem — desejou deixando-lhe a mão.

— Obrigada.

Lakshmi afastou-se, sentindo-se envergonhada por Nia ter presenciado tudo o que se passara.

— Parece que nada mais nos prende aqui — proferiu a avatar entrando na carruagem.

Lakshmi procurou uma vez mais Aheik, que lhe acenou discretamente. Entrou. O cocheiro fechou a porta e a carruagem partiu sem demora.

Enquanto as aprendizas do primeiro Nith falavam entre si e Iantha e Zahara observavam o exterior pelas janelas, Nia pousou uma mão sobre o joelho de Lakshmi, apertando-lho ligeiramente.

— Guarda esse anel, pode não ter qualquer valor material, mas foi dado do coração.

A aprendiz voltou os olhos para a avatar, surpreendida com as suas palavras.

— Não me olhes assim. Vejo nitidamente o sentimento que vos entrelaça.

Aheik perdendo a carruagem de vista olhou para a fita. Afastou a manga da camisa e enrolou-a no pulso, assim estaria sempre consigo.

...

O sol desaparecia na linha do horizonte, quando Zaphyr foi sacudido por um tremor ao ver Wayra entrar na sala do trono acompanhado por um Shatrus. Observou o Shatrus com algum receio. Era intimidante, todos os membros daquele povo o eram, no entanto, não tinha o porte de Dudka.

— Zaphyr este é Vahor, o novo líder dos Shatrus. Étaín pediu-me que vos apresentasse — comunicou Wayra.

Zaphyr respirou fundo, recordando-se das palavras de Étaín

em relação a Dudka. Não podia mostrar fraqueza perante o novo líder. Deixou o trono e com passos aparentemente seguros, avançou na direção de Vahor, que o seguia com o olhar.

— Espero que a nossa aliança se mantenha — referiu com uma tal firmeza na voz, que até Wayra se admirou.

Vahor bateu com o punho fechado no peito, soltando um urro de guerra próprio do seu povo. Zaphyr sentiu as pernas fraquejarem, mas esforçou-se para se manter imóvel e não espelhar qualquer medo no olhar.

— Espero o mesmo, futuro líder dos Homens.

O Shatrus deu meia-volta, desaparecendo do campo de visão de Zaphyr, que soltou um suspiro de alívio.

— Representaste muito bem — ouviu.

— Estive bem... estive bem na presença de um daqueles... Não sei como consegui — balbuciou Zaphyr.

Wayra cruzou os braços.

— Sabes que Étaín não aprecia cobardes, pelo que se queres algum dia ter a sua atenção deves agir como agiste na frente de Vahor, ainda que se ele desse um passo na tua direção te tivesses urinado.

Zaphyr lançou um olhar de desprezo a Wayra.

— Não precisas de me humilhar ou esqueces-te que em breve serei o teu soberano.

O outro soltou uma risada.

— Ora, Zaphyr, tens o dom de me fazer rir quando menos espero. Darias um bom bobo da corte — Wayra abandonou a sala.

Acabava de sair do palácio, quando um espião veio ao seu encontro, informando-o que houvera uma reunião em Alcirin, na qual fora traçado um plano para retomar Rodänrien.

Wayra tomou de imediato a direção do jardim onde sabia que Étaín se encontrava. Não tardou a ouvir o som metálico do aço contra aço. Étaín e Kyran cruzavam as suas espadas.

A elfo notou a presença do seu homem de confiança e com um golpe rápido desarmou o cavaleiro, que não teve sequer a oportunidade de tentar evitar o desarme.

— Por hoje terminámos — disse Étaín embainhando a espada.

— Como desejares.

A elfo concentrou a sua atenção em Wayra.

— Vamos ser atacados — foram as primeiras palavras deste.

Kyran recuperou a sua espada, mas não a embainhou.

— Atacados... — murmurou Étaín.

— O plano de ataque foi traçado em Alcirin.

Étaín soltou uma risada.

— Se pensam que se vão apoderar desta cidade estão bem enganados — voltou-se para Kyran — De quantos homens dispõe Ramón?

Kyran pareceu fazer um cálculo rápido antes de responder:

— Não o sei ao certo, mas devem ser por volta de duzentos.

— Duzentos... Ele não deixará Alcirin desprotegida, deve ordenar a partida de aproximadamente cento e cinquenta. A esses juntar-se-ão outros provindos de outras cidades, certamente de Thivar e Dalmitrion. As restantes cidades são demasiado longínquas da capital para um ataque rápido.

— Estarão em grande vantagem numérica — referiu Wayra.

— Esse também é o seu pensamento. Chama o Vahor à sala do trono. Ele vai partir de imediato.

— Vais enviar os Shatrus! — Exclamou Kyran.

— Encontram-se em Rodänrien cerca de quatrocentos Shatrus provindos da junção de três tribos, mas existem mais tribos na Perdição. Mandarei Vahor chamar mais guerreiros.

— Tenho conhecimento da existência de mais cinco tribos, mas têm conflitos entre si. Duvido que acedam ao pedido de Vahor. Pelo que sei, disputas antigas quebraram os elos entre as restantes tribos. Somente três cooperam — mencionou Wayra.

— Se for necessário irei falar com os chefes de cada uma dessas tribos. Mas isso terá de esperar, de qualquer forma escolhe alguns dos teus homens e envia-os para a Perdição. Eles que descubram onde se encontram os acampamentos das cinco tribos.

— Fá-lo-ei.

Kyran reparou que falavam como se não tivesse presente. Apertou o punho da espada. Não gostava de ser posto de parte.

— Talvez precises da minha ajuda, Étaín — disse.

A elfo lançou-lhe um olhar.

— Não estás pronto.

— Não estou pronto?

— Se eu digo que não estás pronto e que não deixarás a capital é isso mesmo que acontecerá.

— Não sou uma marioneta que só se move quando tu puxas os cordelinhos.

Wayra viu um brilho de cólera passar pelos olhos de Étaín.

— Sugiro que te mantendas no teu lugar, Kyran. Se estás vivo é graças a mim, ou pensas que os Shatrus não anseiam por comer as tuas entranhas.

Kyran contraiu os lábios.

— Tu serás o meu trunfo e jogar-te-ei quando achar que estás pronto para fazer mais estragos. Por agora vais manter-te em Rodänrien, aproveita para te divertires com todas as mulheres a quem poupei a vida. Pelos rumores que têm chegado aos meus ouvidos, parece que aprecias bastante a sua companhia.

Kyran embainhou a espada e afastou-se sem mais uma palavra.

— Ele não é de confiança, Étaín. Vai trazer-nos problemas, livra-te dele — disse Wayra deixando, mais do que queria, o ódio inundar a sua voz.

— Acalma-te, ele não está habituado a ser posto de parte em grandes acontecimentos.

— Ele não é o Lochan.

O rosto da elfo tornou-se profundamente inexpressivo.

— Não, não é, nem nunca vai ocupar o seu lugar. Quero o Kyran ao meu lado porque tem o que é preciso para vencer os meus inimigos, o Lochan quero-o na minha cama. Ele é meu e de nenhuma outra mulher.

Étaín voltou as costas a Wayra.

— Faz com que Vahor esteja na sala do trono dentro de dez minutos — disse.

Decorridos dez minutos Vahor, Wayra e Zaphyr viam Étaín entrar na sala do trono. A atenção de todos concentrou-se nela.

— Rodänrien vai ser atacada. Vahor, divide os teus guerreiros em três grupos. As suas ordens serão simples: matem todos os cavaleiros que encontrarem, não deixem ninguém com vida.

Um brilho predatório invadiu os olhos de Vahor.  
— Matar todos, mas...  
— Silêncio, Zaphyr, isto não te diz respeito, ou queres que o inimigo chegue às portas da cidade e te retire desse trono com um pontapé?  
Zaphyr engoliu em seco.  
— Parte de imediato — disse ainda Étaín ao líder dos Shatrus. Vahor fez uma reverência desajeitada e deixou a sala.  
— Obediente como um cãozinho — comentou Zaphyr.  
Wayra e Étaín ignoraram o seu comentário.  
— Não ficará qualquer Shatrus na capital? — Perguntou Wayra.  
— Não, preciso que todos partam... Agora é necessário tomar outras providências. Contacta os teus espões, preciso de cavaleiros. Descobre homens que não estejam satisfeitos com os seus postos, ou que tenham ânsia de poder e trá-los até mim.  
— Não será difícil.  
— Excelente, confio em ti, sabes disso.  
Wayra deixou igualmente a sala.  
— Estás nervosa?  
Étaín virou-se para Zaphyr.  
— Esperava ter mais tempo, só isso.  
O nobre deixou o trono aproximando-se da elfo.  
— Talvez um pouco de companhia masculina te ajudasse a descontraír — disse.  
Da boca de Étaín soltou-se uma risada musical.  
— Talvez um dia, Zaphyr. Nunca percas a esperança.  
Dito isto, levou um dedo aos lábios para de seguida o colocar sobre os de Zaphyr.

...

Lochan, debruçado sobre o peitoril de uma janela, recordava-se dos momentos que passara com Marianne. Sentia a tristeza consumi-lo por não ter conseguido salvá-la. Depois de ter escapado com vida ao massacre que ocorrera no interior da Casa da Guarda precipitara-se para a casa de Nyvea, mas apenas se deparara com um mar de san-

gue. Procurara Marianne, mas os Shatrus não tinham deixado qualquer corpo no interior da habitação.

Respirou fundo, vendo Aheik entrar no palácio acompanhado por uma criada.

O cavaleiro entrava minutos depois no quarto de Lilith. Rhys olhou para ele, mas foi Lilith quem falou:

— Recordei-me do que aconteceu naquele dia... Eu vi sua majestade — disse.

— O quê! — Exclamou Aheik.

Não tardou a que Ramón e Lochan se juntassem a eles para ouvir o que Lilith tinha para lhes contar. Sob o olhar de todos os presentes, Lilith revelou-lhes ao pormenor tudo o que se passara no dia em que vira Dionysus. Uma vez a par de tudo, Ramón pediu aos dois cavaleiros e a Lochan que se preparassem, pois deixariam Alcirin ainda naquele dia. Era preciso resgatar o rei das mãos do inimigo o mais depressa possível.

...

Em Rodänrien, Kyran observava o novo líder dos Shatrus através de uma janela. Subitamente a porta dos seus aposentos abriu-se. Étaín entrou pedindo-lhe que a levasse até ao local onde estavam armazenadas as armas pertencentes aos cavaleiros.

Sem trocar mais uma palavra deixaram aquela divisão e o palácio. As ruas da cidade que percorreram até ao edifício, outrora habitado pelos cavaleiros, estavam desertas.

Kyran foi o primeiro a entrar. Uma estranha sensação apodejou-se de si, a última vez que ali estivera fora com Aheik. Atravessou o átrio principal em passo acelerado. Étaín seguia-o, observando discretamente as emoções que se espelhavam no rosto dele.

Kyran deixou o átrio percorrendo um amplo corredor. As paredes feitas em pedra não tinham em si qualquer ornamento, tal como o chão, composto por grandes lajes quadradas, algumas das quais ainda manchadas pelo sangue daqueles que ali tinham perdido a vida. Uma porta de madeira surgiu na sua frente. Kyran abriu-a sem dificuldade, saindo para o exterior. Encontrava-se agora no recinto



onde tinham lugar os torneios. Avançou para um outro edifício. A porta deste encontrava-se entreaberta, sangue já seco era visível na pega da gigantesca porta metálica.

— É aqui. No seu interior estão armazenadas todas as armas pertencentes aos cavaleiros.

Étaín esboçou um sorriso.

— Entremos — propôs.

Kyran afastou-se, fazendo-lhe sinal para entrar primeiro. Ela fê-lo sem hesitar. Alguma luminosidade entrava pelas diversas janelas. Étaín percorreu com o olhar as armas que ali se encontravam. Eram visíveis igualmente armaduras. Aproximou-se de lanças que teriam cerca de dois metros de comprimento. Retirou uma do suporte, movendo-a com graciosidade.

— Posso saber porque estás tão interessada neste lugar?

Colocando a lança novamente no suporte, Étaín respondeu:

— A capital precisa dos seus defensores. Estas armas são destinadas àqueles que terás sob as tuas ordens.

Kyran mostrou-se surpreendido.

— Como assim?

Étaín examinou uma das suas botas com especial atenção.

— Em breve começarão a chegar aqueles que integrarão os novos cavaleiros e tu serás o seu capitão. Agrada-te?

Um estranho fulgor brotou nos olhos de Kyran.

— Bastante.

A atenção da elfo voltou a concentrar-se nele.

— Gosto do brilho dos teus olhos — a sua voz tornara-se sedutora.

Kyran sorriu com malícia.

— Unicamente do brilho dos meus olhos? — Perguntou.

Ela riu-se.

— Estás a querer insinuar alguma coisa?

— Não tens admirado exclusivamente essa parte do meu corpo.

Ela encurtou a distância entre eles.

— Digamos que és uma visão agradável.

— Agradável...

Ela observou-o de forma sedutora.

— Agrado-te? — Indagou.

— Muito.

Étaín viu-o inclinar-se para si. Uma das suas mãos tocou no peito dele, impedindo-o de a beijar.

— Somos aliados, não amantes — disse.

— E porque não ambas as coisas?

Ela recuou. Os seus lábios brindaram o cavaleiro com o sorriso mais fascinante que ele já vira aflorar no rosto de uma mulher.

— Lamento, mas não misturo as coisas — a elfo voltou-lhe as costas abandonando o edifício.

Kyran pegou numa lança, parecendo examiná-la.

— A espiar, Wayra? — Perguntou com desdém.

— Ninguém está encarregue de espiar os teus movimentos. Vim apenas deixar-te um aviso, cavaleiro — o desprezo transbordava na voz daquele homem.

Kyran apoiou-se na lança.

— E que aviso pode ter alguém como tu para me dar? — Questionou.

— É bom que tenhas cuidado, pois se tencionas trair-nos...

Kyran soltou uma gargalhada.

— Achas que vou trair Étaín? — Perguntou.

— E não vais?

— Estás com ciúmes por eu ter a atenção dela, mas...

Desta vez foi Wayra quem riu.

— Deliras, miúdo — disse — Étaín jamais quererá alguma coisa contigo.

Kyran moveu a lança num gesto rápido. A lâmina parou a centímetros do peito daquele com quem falava.

— Não vou trair Étaín, se é essa a tua preocupação — garantiu.

— Assim o espero, porque a partir do momento em que aceiteste a sua oferta estás vinculado a ela e só há uma maneira de quebras esse vínculo: a morte.

O rosto de Kyran contraiu-se ligeiramente enquanto o outro saía.

Colocou a lança no respectivo suporte. Não suportava Wayra e sabia que este também não morria de amores por si. Sabia que ele o

mantinha sob vigilância esperando somente um deslize seu para lhe dar a sentença de morte.

— Jamais te darei esse prazer, maldito — disse entre dentes.

## O Retiro da Senhora da Sabedoria

**A** poucas horas das sombras do poente envolverem Alcirin, Rámon, envergando vestes de batalha e uma longa capa avermelhada sobre os ombros, montava.

Lochan, agarrando nas rédeas de um garanhão negro, fixava o olhar numa jovem mulher que se despedia com um abraço sentido de um cavaleiro. Afagou suavemente o pescoço do cavalo, observando aqueles que estavam de partida. Sabia que muitos não tornariam a Alcirin.

— Muitas mães, esposas, irmãs e noivas derramarão inúmeras lágrimas — ouviu.

Rámon aproximava-se montado num cavalo de pelagem castanha visivelmente bem cuidada.

— Muitos destes homens sofrerão uma morte bárbara às mãos dos Shatrus — disse.

A face de Rámon demonstrou uma profunda tristeza.

— Se pudesse não os guiaria para uma morte provável, mas temos de agir.

— Admiro a sua coragem, Rámon. Metade dos homens de berço limitar-se-ia a enviar os seus cavaleiros e ficaria na segurança da sua cidade.

— Também demonstras grande coragem. As avatares tinham razão sobre ti... Espero que a sua viagem decorra sem percalços. Ficaria destroçado se algum mal sucedesse a Zahara.

Nos lábios de Lochan foi perceptível um breve sorriso.

— É uma rapariga forte — disse.

— Sim e, na verdade, a sua personalidade intempestiva atrai-me.

A mão de Lochan ficou imóvel sobre o pelo lustroso do garanhão.

— É muito bela, de famílias abastadas, aliás as nossas famílias mantêm uma excelente relação. Certamente que o seu pai me concederia a sua mão sem qualquer hesitação — disse Ramón.

— Não lhe importa a opinião dela? — Perguntou.

— Opinião!?

— Não acha que antes de pedir a sua mão deveria falar com ela, certificar-se que ela deseja ser sua esposa?

Rámon riu-se.

— Se Aldon Nashel me der a sua mão, ela casará comigo sem qualquer objeção. É assim há anos entre a nobreza e assim continuará a sê-lo.

— Desculpe se estou a ser descortês, Ramón, mas não creio que Zahara aceitasse casar-se consigo somente porque o seu pai lhe concederia a sua mão.

— Zahara é uma das mais cobiçadas senhoritas em idade de casar, Lochan. Aliás, pretendentes à sua mão nunca faltaram desde que completou dezoito primaveras. Contudo, sei que nenhum teve coragem de pedir verdadeiramente a sua mão a Aldon, mas eu tenciono fazê-lo.

— E casaria com ela mesmo se soubesse que ela não lhe tinha qualquer afeto? — Atraveu-se Lochan a perguntar.

Rámon moveu-se sobre a sela.

— Quando se tornar minha esposa amar-me-á. Posso proporcionar-lhe uma vida desafogada, na verdade o seu único trabalho seria dar-me filhos.

Rámon bateu gentilmente nos flancos do cavalo, que se distanciou a trote. Lochan respirou fundo, montando, ao ouvir o Senhor de Calçan ordenar a partida.

...

Nia pediu ao cocheiro para parar. Quando a carruagem se imobilizou, a grande avatar abriu a porta, deixando o seu interior. A brisa primaveril fustigou-lhe o rosto, trazendo-lhe o doce perfume das primeiras flores que desabrochavam ao longo do vasto campo que se estendia em redor do caminho de terra que percorriam.

— Vamos, deixem os assentos e estiquem as pernas meninas — disse, olhando de soslaio para o interior da carruagem.

Elisheba e as suas duas colegas de Nith, Andora e Mirella, trocaram olhares soltando risinhos. As volumosas saias dos seus vestidos ondularam livremente, quando tocadas por uma rajada de vento. Iantha, sem expressar qualquer emoção, deixou a carruagem seguida de Zahara, que alisou a saia ligeiramente amachucada. Lakshmi foi a última a sair. Os seus longos cabelos, soltos, caíam-lhe como uma chuva negra sobre as costas.

Elisheba reparou que muitos dos olhares dos homens que formavam a escolta se fixavam na aprendiz do terceiro Nith. Deixando as suas colegas a comentarem em voz baixa sobre Zahara e a sua atitude arrogante, aproximou-se daquela que considerava ser a sua melhor amiga.

— Os olhares da nossa escolta prendem-se em ti — disse em tom de brincadeira.

Lakshmi sentiu-se embaraçada ao perceber que era verdade. Subitamente, Elisheba agarrou-lhe na mão.

— Que anel é este que trazes no dedo? Tenho a certeza que nunca o tinha visto... — os olhos de Elisheba focaram-se no rosto da amiga — O que me estás a esconder?

A aprendiz do terceiro Nith olhou em redor, avistando uma árvore a alguns metros.

— Vem comigo — pediu.

Iantha viu-as afastarem-se, abriu a boca, mas Nia impediu-a de as chamar.

— Mas Nia...

— Deixa-as. Aproveita a beleza deste lugar. Vem, passeemos um pouco, afinal tens uma kalis do elemento Terra, que lugar há melhor que este para a revitalizares?

Um sorriso percorreu os lábios da avatar encarregue da instrução do primeiro Nith.

— Declarou-te os seus sentimentos e deu-te esse anel, isso é maravilhoso! — Exclamou Elisheba depois da amiga lhe ter contado o que se passara em Alcirin — Mas e agora, vais mesmo tornar-te avatar depois da declaração que o Aheik te fez? — Perguntou.

Lakshmi sentiu o coração dar um pulo.

— Ele gosta realmente de ti e disse-te que esperava, esperava os anos que fossem precisos, mas Lakshmi serão muitos anos! Somente daqui a um serás elevada a avatar e com tudo o que acontece neste momento no Império, nenhuma de nós sabe o que o futuro nos reserva. Mas mesmo que a paz regresse terás de passar anos em Haiah. Sabes disso, sabes que nunca uma avatar esteve menos de vinte anos naquele recinto. Vais fazê-lo passar por tão grande provação?

As mãos da aprendiz proposta a avatar apertaram a saia.

— E se outra mulher surgir na sua vida e se ele não aguentar esperar? Vais abrir mão de alguém como o Aheik?

— Nia, Narkissa e até Iantha depositam a sua confiança em mim. Aceitei tornar-me avatar quando Nia mo propôs, não posso quebrar a minha palavra.

Elisheba abraçou a amiga.

Os olhos da grande avatar observavam-nas de longe.

— Parece preocupada, Nia — comentou Iantha.

— Não é nada.

Iantha virou-se na direção da carruagem.

— Como será quando chegarmos ao Retiro? — Perguntou.

— As aprendizas continuarão os seus estudos. Acredito que não foi em vão que sobreviveram a tudo pelo que passaram desde o ataque a Haiah.

— Mas quem se ocupará da aprendizagem de Zahara e de Lakshmi?

— De Lakshmi eu própria e Narkissa nos ocuparemos, quanto a Zahara, tenho a certeza que Maeve e Dáiríne não se oporão a ajudá-la.

O rosto de Iantha empalideceu.

— Desculpe a minha franqueza, mas acha realmente que é a melhor opção?

— Durante os longos anos que passou em Haiah, Maeve sempre teve sobre a sua tutela as aprendizas do segundo Nith. Deves lembrar-te de como era rigorosa, afinal quando entraste no recinto ela ainda lá se encontrava.

Iantha fez uma careta.

— Sim, recordo-me que as suas aprendizas eram severamente castigadas quando quebravam as suas regras.

— Maeve já não é tão rigorosa, creio que a idade amoleceu o seu coração.

— Mas e Dáiríne, ela nunca teve aprendizas sob a sua tutela, mal se tornou avatar veio para o Retiro. Recordo-me da sua estadia em Haiiah, durante os seus anos de aprendiz. Era alguém que nunca fez qualquer amizade.

— E isso não te lembra alguém?

Iantha dirigiu um olhar a Zahara.

— Talvez a sua personalidade choque em demasia, Nia. Medea tinha um especial apreço por Zahara, certamente que não gostaria de a ver nas mãos de alguém como Maeve ou Dáiríne.

Nia esboçou um breve sorriso.

— Medea tinha um grande coração — murmurou.

— Porque não permite que seja Narkissa a ocupar-se da aprendizagem de Zahara?

— Não te preocupes, Iantha. Tudo está certo, quando certo está, já era o que a avatar que me propôs o juramento me dizia. Agora vamos, está na hora de prosseguir viagem. Ainda hoje chegaremos ao Retiro.

Pouco depois a carruagem partia.

As horas passaram e a noite espalhou sobre todos o seu manto negro. Mirella e Andora acabaram por adormecer. Elisheba bocejava frequentemente, mas tentava manter os olhos abertos, pois Iantha referira que chegariam ainda naquela noite ao Retiro e queria estar bem acordada quando finalmente chegassem. Lakshmi, sentada junto da janela, rodava o anel que Aheik lhe dera no dedo. Zahara, sentada à sua frente, observava-a.

Nia mantinha os olhos fechados.

— Chegámos — anunciou ainda antes da carruagem se imobilizar.

Iantha tocou nos ombros das aprendizas que dormiam, despertando-as. Estas, ainda meio ensonadas, esfregaram os olhos.

A carruagem parou. Nia foi a primeira a sair. Um sorriso alongou os seus lábios ao ver uma gigantesca arcada de pedra iluminada



pelo luar. Cinco guardas surgiram munidas de lanças. Uma delas, com uma fita a envolver-lhe a testa, aproximou-se.

— Seja bem-vinda, grande avatar — disse.

— Obrigada, Tuathla.

Iantha deixou a carruagem, tal como as aprendizas. Todas observaram aquelas cinco mulheres, que se mantinham incrivelmente direitas e com expressões nada amigáveis.

— Meus senhores agradeço-vos pela escolta e peço-lhes que transmitam igualmente os meus maiores agradecimentos ao Senhor de Calçan — disse Nia, voltando-se para aqueles que as tinham acompanhado.

— Fá-lo-emos, grande avatar — afirmou um dos homens, antes de dar a ordem de partida.

— Traz muitas acompanhantes, Senhora — comentou Tuathla.

— Efectivamente. Esta é Iantha Haiah e estas jovens são aprendizas, que passarão a habitar no Retiro.

A guarda apressou-se a fazer uma breve reverência a Iantha.

— Queiram seguir-me — pediu em seguida.

Nia foi a primeira a avançar para a arcada de pedra. Atravesou-a, deparando-se com uma gigantesca rocha coberta de musgo.

— Mas onde está o Retiro? — Perguntou Elisheba quase em surdina.

Zahara viu Nia colocar a sua mão direita sobre a pedra. Um ruído ensurdecedor propagou-se por todo aquele lugar e a rocha, lentamente, começou a afastar-se, deixando-as vislumbrar um túnel iluminado por archotes presos em simples suportes de madeira que se estendiam até perder de vista.

Nia avançou. Lakshmi reparou que a única guarda que as acompanhava era aquela que se chamava Tuathla.

Longos minutos depois o túnel terminava. À sua frente, as aprendizas encontraram um lugar em tudo semelhante a Haiah.

— Sejam bem-vindas ao Retiro da Senhora da Sabedoria — Lakshmi reconheceu aquela voz.

Todas se voltaram para a esquerda, vendo Narkissa acompanhada por duas outras mulheres, uma mais velha e outra cuja idade rondaria a sua.

— Vejo que chegaste antes de nós — comentou Nia.  
Iantha avançou para Narkissa, abraçando-a.  
— Trazes desconhecidas contigo, Nia — ouviram as aprendizas.  
— Estas jovens são aprendizas, Maeve.  
Maeve olhou-as com uma certa relutância.  
— Aprendizas com esses trajés! — Exclamou como se a tivessem ofendido.  
— Amanhã explicar-te-ei tudo. Agora estou cansada, vou recolher-me — a grande avatar voltou-se para Tuathla — Acompanha estas jovens até ao edifício mais a sul e ajuda-as a instalarem-se. Uma em cada quarto, por favor Tuathla.  
— Como desejar, Senhora — disse a guarda olhando de esguelha para as aprendizas — Queiram acompanhar-me — pediu-lhes.  
As aprendizas seguiram a guarda.  
— Viram as expressões daquelas avatares? — Perguntou Mirella.  
— Aquela que se chama Maeve olhou-nos como se lhe metêssemos nojo — referiu Elisheba.  
Tuathla riu-se.  
— É bom que se vão habituando ao feitio de Maeve — disse.  
— Quer dizer que é sempre antipática? — Atreveu-se a perguntar Andora.  
Tuathla, sem nunca parar, respondeu:  
— Sim, pode-se dizer que sim. Antipática...  
— E quanto à outra, aquela que não falou? — Questionou Elisheba.  
— Deves referir-te a Dáiríne. Bem, se julgaram Maeve antipática, não sei com que adjetivo classificar Dáiríne. Ela vai olhar-vos sempre como se fossem meros objetos sem valor. Certamente que não vos dirigirá a palavra, a não ser que seja obrigada a fazê-lo, e quando o fizer a sua voz será cortante, gélida. Não esperem sentir qualquer bondade naquela mulher. O coração dela é uma pedra.  
Zahara parou.  
— Nunca pensei que se referisse a uma avatar nesses termos — disse.  
Tuathla estacou.  
— Como te chamas? — Perguntou.

— Zahara Nashel.

— Zahara... Só falei deste modo porque vocês me pareceram pessoas bem mais acessíveis que as avatares que aqui habitam. Na verdade, elas ignoram-me frequentemente, com a exceção de Nia.

— Ignoram-na! — Exclamou Elisheba.

— Para elas sou quase como uma estátua que adorna este lugar.

— Deve ser horrível viver com pessoas assim — comentou Lakshmi.

Tuathla observou-a.

— Vejo que usas uma kalis, deves ser, portanto, uma aprendiz do terceiro Nith, estou certa?

— Sim.

— E vai tornar-se avatar — apressou-se a acrescentar Mirella.

Tuathla não fez qualquer referência a esse facto, limitando-se a prosseguir.

— As restantes guardas não vivem aqui? — Perguntou Elisheba.

— Não. Eu sou a única que tem autorização para permanecer no interior do Retiro.

A guarda parou bruscamente. Andora quase embatia nas suas costas, se Mirella não a agarrasse a tempo de o evitar.

— Eis o edifício onde se encontram os vossos aposentos, aprendizas.

Tuathla empurrou uma aparentemente pesada porta de madeira. Entraram num amplo corredor, não havia qualquer adorno nas paredes ou no chão. Tuathla parou em frente de uma porta, outras alinhavam-se ao longo do corredor envolvido pela penumbra.

— Todos os quartos são idênticos — disse abrindo a porta.

As aprendizas espreitaram vendo somente uma cama, uma mesa-de-cabeceira e um pequeno armário.

— Piores que em Haiah... — comentou Andora.

Tuathla riu-se antes de as ajudar a instalarem-se.

Na manhã seguinte, Nia mandou chamar Maeve e Dáiríne ao seu gabinete, explicando-lhes em pormenor tudo o que acontecera e dizendo-lhes que gostaria que se ocupassem da aprendizagem da aprendiz do segundo Nith.

— Deixei Haiah há muitos anos, Nia. Não tinha mais paciên-

cia para aprendizas — disse Maeve levantando-se abruptamente da cadeira.

— Tinhas sobre a tua tutela o segundo Nith, és a pessoa mais indicada para continuar o trabalho de Medea, Maeve — tentou argumentar Nia.

— A minha resposta é não. Agora com tua licença — saiu.

O olhar de Nia fixou-se no rosto totalmente inexpressivo de Dáiríne.

— Presumo que também não aceites o meu pedido, estou certa?

Nada se alterou na face da avata ao responder:

— Pelo contrário.

Nia não escondeu o seu espanto.

— Estás a dizer que aceitas?

— Sim.

Nia mostrou-se surpreendida.

Ignorando que o seu futuro estava a ser decidido, Zahara via Tuathla entrar no seu quarto com um braçado de roupa, que colocou sobre a cama da aprendiz.

— Tens aqui dois vestidos cremes e dois casacos vermelhos. Ah, mais uma coisa, Nia pede a tua presença no seu gabinete. Virei buscar-te assim que terminar a distribuição das roupas.

Lakshmi fazia a cama quando recebeu a visita da guarda.

— É pena não poderem usar os vestidos que traziam, são realmente muito bonitos — comentou Tuathla.

Lakshmi percorreu-a com o olhar; tal como as guardas de Haiiah usava roupas semelhantes às dos homens.

— Usa sempre essas vestes? — Perguntou.

Tuathla olhou para si mesma.

— Sim. São confortáveis e com elas posso montar sem me preocupar com a saia.

— Gostaria muito de aprender a montar — referiu Lakshmi.

— Se quiseres ensino-te quando dispuseres de algum tempo livre.

Lakshmi fitou-a.

— A sério?!

— Claro que antes terei de pedir autorização a Nia, se ela autorizar terei todo o gosto em ensinar-te.

— Obrigada.

Tuathla sorriu antes de sair para ir buscar Zahara.

Juntas deixaram aquele edifício tomando a direção de um outro. Tuathla conduziu-a por um extenso corredor e subiram a escadaria que dava acesso ao piso superior. Pararam em frente de uma porta.

— Entre — disse Nia quando a guarda bateu.

Quando a porta se abriu, Zahara viu que a idosa avatar não estava só. Sentada numa cadeira vulgar estava Dáiríne, que nem um olhar lhe lançou, ou pelo menos assim ela pensou.

— Entra Zahara, quero apresentar-te aquela que se ocupará da tua aprendizagem de hoje em diante.

Zahara entrou sentindo a porta fechar-se atrás de si.

— Esta é Dáiríne Haiah — apresentou Nia.

A aprendiz examinou aquela mulher. Não teria mais de trinta e poucos anos, os seus longos cabelos castanhos estavam apanhados numa longa trança, que baloiçou quando ela se levantou. Envergava as vestes das avatares, mas não usava qualquer casaco. O seu rosto tinha traços suaves e os olhos eram esverdeados.

— Sou Zahara Nashel, Senhora — apresentou-se.

Dáiríne olhou-a de cima a baixo com um olhar perscrutador.

— Tens a saia amachucada. Não tolero que estejas descomposta na minha presença. Aliás, não quero esses cabelos soltos ou meio soltos, mas sim apanhados numa trança — disse com frieza.

Zahara sentiu uma ponta de irritação.

— Será preciso voltar a dizer-to? — Perguntou Dáiríne.

— Não, Senhora.

— Então porque ainda estás nessa figura? Tens cinco minutos para te compores e te apresentares perante mim na sala situada ao fundo deste corredor. Se não estiveres composta, como uma aprendiz deve estar na presença de uma avatar, espera-te um castigo.

Dáiríne passou por ela abandonando o gabinete.

— Quem é que ela pensa que é para me falar assim! — Exclamou Zahara começando a fazer a trança.

Nia manteve-se no mais profundo silêncio enquanto a aprendiz terminava rapidamente a trança e ajeitava o vestido sob o casaco.

— Dáiríne é demasiado parecida contigo mesma, minha querida. Acho que estas palavras chegam para saberes com quem vais lidar nos próximos anos.

Zahara fitou a avatar por alguns segundos, antes de se encaminhar para a sala onde era aguardada.

Entretanto, Lakshmi aproximava-se de uma estranha árvore de tronco retorcido e folhas involuntariamente amareladas.

— És a aprendiz que vai prestar juramento, não és? — Ouviu. Ao voltar-se encontrou-se com Maeve. Não a ouvira chegar.

— Sim, Senhora.

Os olhos escuros da avatar inspeccionaram-na.

— Esse anel que trazes no dedo, o que significa criança?

Lakshmi quase involuntariamente escondeu a mão.

— Foi um presente, Senhora.

Maeve manteve uma expressão imperturbável.

— Nunca serás uma avatar, teias de amor tecem o teu coração.

O rosto de Lakshmi tornou-se lívido. Ela sentiu um invulgar arrepio quando os olhos de Maeve se fixaram nos seus.

— Não sabes quem és, criança — ouviu.

Sem mais palavras, Maeve rodou sobre si seguindo o seu caminho.

## Rasto de Sangue

Rámon refreou a montada. Surgiam vultos no horizonte.  
— Quem poderão ser? — Perguntou Rhys ao avistá-los.  
Lochan ergueu-se sobre os estribos perscrutando o horizonte.  
— Vêm nesta direção, disso não há dúvida — disse.  
Aheik mostrou-se pensativo.  
— E se forem... — calou-se.  
Rámon virou-se para ele.  
— Quem pensas que são?  
Aheik apertou as rédeas.  
— Shatrus.  
Houve de imediato uma breve agitação por entre os cavaleiros.  
— É bem possível — referiu Lochan.  
— Como poderiam ter conhecimento dos nossos planos? —  
Rhys deixava transparecer na voz que estava nervoso.  
— Espiões... — murmurou Rámon.  
Aheik e Lochan trocaram um olhar.  
— O que vamos fazer? — Perguntou Rhys.  
Rámon voltou a fixar o horizonte. A progressão do inimigo era rápida.  
— Vamos combatê-los — afirmou.  
O cavalo do governador rodou sobre si.  
— Cavaleiros de Alcirin o inimigo surge no nosso caminho, mostremos-lhes que jamais deveriam ter entrado nestas terras — proferiu.  
O ruído provocado pelo desembainhar das espadas e os clamores dos cavaleiros invadiram o ar.  
Aheik respirou fundo, e não tardou a que o rufar dos tambores dos Shatrus se tornasse bem audível.

Rámon puxou da espada.

— Cavaleiros sigam-me — ordenou esporeando o cavalo.

Aheik, já com a espada empunhada, olhou para o pulso onde atara a fita de Lakshmi. Subitamente a sua atenção foi atraída por um silvo. Olhou em frente. Num impulso desviou-se. Uma flecha cravou-se no peito do cavaleiro atrás de si.

— Cuidado! — Alertou.

Os Shatrus continuavam a sua marcha. Uma chuva de flechas era disparada por detrás destes.

— Ergam os escudos — gritou Rhys pegando num escudo redondo.

Aheik sabia que não eram os Shatrus quem disparava, eles não usavam aquele tipo de ofensiva, preferindo combates corpo a corpo. Porém, quem o fazia encontrava-se para lá das suas linhas, usando-os como defesa. Era imperativo romper a suas fileiras e atacar os arqueiros sem demora. Procurou Rámon vendo-o levantar o braço. Os cavaleiros de Alcirin dividiram-se em três grupos.

— Desfaçam a formação inimiga! — Ordenou o Senhor de Calçan.

Rhys sentiu uma dor na perna, quando uma flecha a atingiu de raspão. Olhou para o ferimento, sangrava. Novo silvo captou a atenção. Elevou o escudo sentindo nova flecha cravar-se neste. Afastou-o, travando o bordão de um inimigo. O Shatrus rodou sobre si movendo a sua arma na diagonal. Rhys forçou o cavalo a recuar, evitando ser atingido no queixo. Os seus ouvidos captaram novo silvo, instintivamente baixou-se. Uma flecha passou sobre si, cravando-se entre os olhos do seu atacante. Soltou um suspiro de alívio, antes de concentrar o seu olhar em Aheik, que avançava na direção dos arqueiros.

— Tenho de o ajudar! — Exclamou.

Os arqueiros, que eram na verdade homens sob as ordens de Wayra, assestaram os arcos disparando na direção de Aheik. O cavaleiro debruçou-se sobre a sela, apanhando um escudo largado no solo. Subitamente uma flecha trespassou a pata do seu cavalo. Aheik caiu juntamente com a montada, ficando esta incapaz de se tornar a levantar. O cavaleiro ergueu-se, posicionando o escudo de modo a protegê-lo o mais possível.



— Aheik — ouviu.

Rhys aproximava-se.

— Não percas tempo comigo — disse-lhe.

Rhys concentrou-se nos arqueiros. Incitou o cavalo.

Uma flecha cruzou o ar. Rhys protegeu-se, mas ao desviar demasiado o escudo não conseguiu evitar que outra lhe trespassasse o ombro, derrubando-o da sela.

— Rhys! — Aheik precipitou-se para ele.

— Matem-nos — ordenou um dos arqueiros.

Quando se preparavam para disparar novamente, eis que um dos grupos formados por cavaleiros de Alcirin os atacou. Os gritos e o som das armas impregnaram o ar, assim como os últimos suspiros daqueles cuja vida era ceifada.

Aheik ajudou Rhys. A flecha trespassava-lhe o ombro.

— Tira-a, tira-a por favor — pediu Rhys.

— E se se partir?

— A dor é insuportável. Tira-a Aheik, imploro-te!

O cavaleiro de olhos azuis agarrou com ambas as mãos na flecha. Era perigoso ser ele a retirá-la e não alguém que sabia o que estava a fazer.

— Fá-lo! — Suplicou Rhys.

Aheik puxou a flecha para si. O grito do ferido sobrepôs-se ao som da batalha.

— É preciso estancar a hemorragia — afirmou Aheik.

Sem outra solução retirou o braçal, usando a fita de Lakshmi para estancar o sangramento.

Não muito distante, Lochan limpava as gotas de suor que começavam a inundar a sua frente. Observou a situação. Os Shatrus tinham morto alguns cavaleiros, mas também tinham sofrido baixas. Viu Ramón incentivar aqueles sob o seu comando.

Quase uma hora mais tarde, o inimigo retirava, deixando para trás os seus feridos e mortos.

Rámon desmontou encaminhando-se para um Shatrus, que agonizava com uma espada presa entre as costelas.

— Como sabiam onde nos encontrar? — Perguntou.

O Shatrus soltou uma breve gargalhada e respondeu numa linguagem que o Senhor de Calçan desconhecia.

— Maldito sejas! — Vociferou Rámon, empurrando a espada com o pé.

Lochan juntou-se a ele.

— Nenhum nos dirá uma única palavra — afirmou.

Rámon virou-se para ele.

— É prioritário montar um acampamento e tratar dos feridos — disse.

Rapidamente um acampamento foi montado a alguns metros de onde decorrera a batalha. No exterior das tendas, os feridos aguardavam pacientemente pela sua vez.

Lochan procurou Aheik, encontrando-o sentado sobre uma rocha, perguntou-lhe:

— Estás ferido?

— São só uns arranhões sem importância.

O guerreiro de olhos acinzentados sentou-se.

— Achas que este encontro não foi casual? — Perguntou o cavaleiro.

— Wayra tem espiões em todas as cidades. Certamente que estes o alertaram da nossa estratégia.

Aheik dobrou a perna, apoiando o braço sobre o joelho. Se o que Lochan dizia era verdade, então os cavaleiros de Thivar e Dalmitrion seriam igualmente atacados.

— Os Shatrus retiraram, porque o terão feito? — Questionou.

Lochan cruzou os braços.

— Quem me dera saber a resposta.

Decorridos alguns minutos, Rámon pedia a ambos que o acompanhassem. Entraram numa tenda. Ao centro era visível uma mesa improvisada; um mapa estendia-se sobre o tampo.

— Era aqui que nos deveríamos reunir com os restantes cavaleiros — o dedo indicador do governador de Alcirin pousou sobre o mapa.

— Fica a dia e meio de distância — disse Lochan.

— Exacto. Contudo, há muitos feridos, alguns incapazes de dar um passo sem ajuda. Sofremos ainda numerosas baixas. Não posso

esperar retomar Rodänrien nestas condições. Pelo que, a única solução que encontro é regressar a Alcirin.

Lochan e Aheik trocaram breves olhares, antes de deixarem a tenda.

— Talvez tenha tomado a decisão errada — referiu Lochan.

— Achas que deveríamos atacar a capital?

— Não reparaste no número reduzido de Shatrus que nos atacou, ao contrário do que aconteceu em Haiiah. Além disso, se tencionam atacar os restantes cavaleiros certamente que Rodänrien estará desprotegida.

— Talvez tenhas razão, mas não temos como ter certezas. Se a capital estiver bem defendida seremos massacrados.

Lochan cruzou os braços atrás da nuca.

— Se houvesse um meio de saber o que se passa na capital...

— murmurou.

Aheik soltou um breve suspiro, antes de olhar em redor como se procurasse alguém.

— Viste o Rhys? — Perguntou.

— Não, porquê?

— Estava ferido, mas não o vejo desde que o deixei na tenda onde estavam a ser tratados aqueles que tinham sido feridos pelas malditas flechas.

— Não o vi.

— Vou procurá-lo.

Aheik afastou-se perguntando pelo irmão de Lilith a todos aqueles com quem se cruzava, até que um deles lhe indicou uma tenda, dizendo que o vira entrar nela.

No interior da tenda, Rhys retirava um pano ensanguentado do ombro enquanto soltava um lamento de dor.

— Rhys? — Ouvia.

Num impulso atirou o pano para um canto da tenda e vestiu um casaco que previamente colocara sobre os alforjes, fechando-o com a mão, uma vez que não teve tempo de o abotoar.

— Andei que nem um louco à tua procura — Aheik afastou a aba da tenda.

Rhys manteve-se em silêncio. Aheik reparou no pano ensanguentado.

— Não foste tratado — disse.

— Claro que fui — gaguejou Rhys.

— Vejo perfeitamente no teu rosto que estás a mentir.

Rhys baixou o olhar.

— Tens de ser tratado. O teu ombro foi trespassado por uma flecha, se infectar podes perder o braço, ou a vida! — Aheik encaminhou-se para ele.

Rhys recuou, à medida que o outro cavaleiro avançava para si. Aheik viu uma mancha de sangue alastrar-se pelo ombro e manga do casaco do amigo.

— Estás a sangrar! — Exclamou demonstrando preocupação.

Rhys lançou um rápido olhar para o ombro, que latejava terrivelmente a cada movimento seu.

— É só um pequeno sangramento — tentou assegurar estranhamente nervoso.

Aheik abanou a cabeça num gesto de discordância.

— Deixa-me ver — pediu.

O rosto de Rhys transfigurou-se.

— Não — disse num impulso.

Aheik olhou-o bem nos olhos. Estava gravemente ferido, não podia continuar sem tratamento.

— Não saio daqui sem ver a ferida — asseverou.

Rhys abanou a cabeça negativamente continuando a recuar.

— Por favor, imploro-te... Não! — Gritou quando Aheik lhe agarrou no braço, obrigando-o a largar o casaco que se abriu, desnudando-lhe o peito.

A mão de Aheik largou o braço de Rhys. O seu rosto tornou-se lívido.

— Tu...

Rhys apressou-se a fechar o casaco.

— Mas como, como é possível que... És uma rapariga! — Exclamou Aheik.

Rhys baixou o rosto.

— Percebes agora, porque não deixei que me tratassem — a sua voz era quase um murmúrio.

Aheik não sabia o que dizer, estava longe de imaginar que ele afinal era uma ela.

— Como conseguiste esconder este segredo por tanto tempo? Quer dizer, como é que ninguém sabia que eras uma mulher? — Perguntou.

Rhys apertou o casaco com força.

— Algumas pessoas ajudaram-me a manter este segredo.

— Porquê, porque te fizeste passar por um homem?

— Porquê? — os olhos dela fixaram-se nos dele — Quando era ainda uma criança os cavaleiros salvaram a minha família de um ataque de salteadores, nesse momento decidi que queria ser um deles. Queria ajudar os outros como eles faziam, mas infelizmente, é interdito a mulheres integrarem os cavaleiros. Esta foi a única solução que encontrei. Disse aos meus pais que queria viver com a minha irmã e parti para a capital. Com a ajuda de Lilith cortei os cabelos, ela fez-me roupas que me ajudaram a esconder as formas de mulher do meu corpo. Assim, apresentei-me como um rapaz perante Adorján.

Aheik olhava-a ainda com uma certa incredulidade.

— Presumo que Rhys não seja o teu verdadeiro nome...

— Rhea. Chamo-me Rhea.

— Todos estes anos e eu nunca desconfiei que...

Rhea olhou-o com um certo desespero.

— Por favor, Aheik imploro-te que não reveles o meu segredo. Se descobrirem que menti durante todos estes anos, que sou uma mulher...

Os lábios de Aheik mostraram um sorriso.

— Jamais o faria, mesmo que não mo pedisses — garantiu.

— Não sabes como desejei partilhar este segredo contigo, com o Kyran, mas tive medo que não compreendessem.

Aheik perceberia agora muitas das atitudes e comportamentos de Rhys que achara estranhos. No entanto, explicou-lhe que independentemente de tudo o seu ombro tinha de ser tratado. Rhea sabia que ele tinha razão, o ombro fora trespassado por uma flecha e estava a perder muito sangue.

Sob o olhar do outro cavaleiro, Rhea retirou dos alforges uma pequena caixa de madeira que ao abrir revelou, não só ligaduras, como pequenos frascos que continham líquidos transparentes, que ela referiu serem desinfectantes. Tinha ainda agulha e linha para o caso de ser preciso coser a ferida. Tentara fazê-lo sozinha, como já por inúmeras vezes fizera, mas tratar o próprio ombro tornara-se numa tarefa demasiado complicada.

Aheik ofereceu-se para o fazer, ela aceitou a sua ajuda. Com o ombro já devidamente enfaixado para que a ferida não ficasse exposta ao ar, Rhea tornou a vestir as vestes dos cavaleiros de Alcirin e depois voltou a dirigir-se aos alforges, retirando do seu interior a fita que Aheik usara para tentar estancar a hemorragia no campo de batalha.

— Lavei-a o melhor que pude — assegurou estendendo-a ao amigo.

Aheik aceitou-a.

— Gostas da rapariga que ta ofereceu. Vê-se claramente pelo modo como a olhas.

Aheik não conseguiu evitar um sorriso enquanto atava a fita novamente no pulso.

— É da Lakshmi — disse.

Rhea tocou-lhe na mão chamando-lhe a atenção.

— Ela tem muita sorte em ter o teu amor.

— Porque dizes isso?

— Porque tu és capaz de entregar o teu coração a uma única mulher, ao contrário de outros... — disse estas últimas palavras deixando transparecer alguma irritação.

Aheik depositou-lhe um beijo na testa, antes de a deixar só.

Distanciara-se somente alguns metros da tenda, quando um outro cavaleiro o informou que o governador lhe queria falar com urgência. Acabava de se reunir a Ramón, quando gritos de alerta lhe captaram a atenção.

Subitamente, um machado rasgou a tenda ferindo o braço do Senhor de Calçan.

— Ramón! — Aheik desembainhou a espada correndo para o governador de Alcirin, que recuava.

A expressão de Ramón transfigurou-se ao ver o inimigo projectar os dois machados que empunhava na sua direcção.

O som do aço impregnou o ar.

— Depressa, sai daqui! — A espada de Aheik travava os machados.

Rámon pareceu despertar. Olhou em volta procurando a sua espada, caída no chão. Agarrou-a, desembainhando-a num gesto veloz. O sangue escorria pelo seu braço, gotejando na terra.

Aheik viu o Shatrus repelir a sua espada e balançar os machados, arremessando-os contra si com uma força colossal. Não podia arriscar-se a perder a espada, esquivou-se.

— Maldito! — Berrou Ramón investindo contra o Shatrus.

— Não faças isso! — A voz de Aheik ressoou pela tenda.

O inimigo, brandindo as suas armas, focou a sua atenção no governador. Ramón atacou com uma investida rápida, facilmente travada por um dos machados do adversário, que moveu o segundo na direcção do oponente.

— Apanha — o cavaleiro lançou um escudo na direcção do Senhor de Calçan.

Rámon agarrou-o, colocando-o entre o seu corpo e a lâmina inimiga.

Aheik ouviu um ruído atrás de si, e ao rodar sobre os calcanhares deparou-se com outro Shatrus. Travou a sua investida e num contra-ataque acabou com a vida do adversário.

Do exterior chegavam gritos de agonia, assim como os urros dos Shatrus.

Aheik voltou-se para Ramón, que quebrava o escudo contra a testa do inimigo, rachando-lhe o crânio. O Shatrus tombou no solo já sem vida.

— Temos de sair daqui — afirmou o cavaleiro tomando a direcção da saída.

Ao sair da tenda, Aheik deparou-se com uma carnificina. O sangue formava poças em redor dos corpos dos cavaleiros de Alcirin, barbaramente mutilados. Pernas, cabeças, braços, juncavam o solo. Os seus dedos rodearam fortemente o punho da espada. O seu coração disparou ao olhar na direcção da tenda de Rhea. Precipitou-se

para esta. Ao afastar a aba salpicada de sangue encontrou-a vazia. Vestígios de luta eram visíveis.

— Rhea... — murmurou.

De volta ao campo de batalha deparou-se com uma cabeça que lhe caiu aos pés. Os olhos do decapitado ainda se fixaram nos seus. Sentiu as mãos tremer, não, não podia fraquejar.

— Aheik — ouviu.

Lochan e Rhea aproximavam-se sobre os dorsos de cavalos.

— Temos de sair já daqui — disse Lochan.

Aheik precipitou-se para eles. Um Shatrus cortou-lhe o caminho.

Lochan apercebendo-se que mais Shatrus eram atraídos naquela direção trocou um rápido olhar com Rhys, que segurava as rédeas de um outro cavalo.

— Procura o Ramón e tira-o daqui.

Rhea anuiu e esporeou o cavalo, que partiu a galope na direção da tenda do governador.

Lochan bateu com os calcanhares no ventre da montada, ao mesmo tempo que desembainhava a espada, trespassando a cabeça do Shatrus que atacava Aheik.

— Monta — disse para o cavaleiro.

Aheik olhou em redor. Ouviam-se os urros de vitória dos Shatrus, que se banquetevavam com o sangue e a carne das suas vítimas.



## Por Amizade

Lakshmi sentia o vento fustigar-lhe incessantemente o rosto. Esfregou os braços, examinando o céu. Não tardaria a chover. Com passos apressados tomou a direção do Dormitório.

O vento agitava ruidosamente as folhas de uma árvore próxima. Porém, aquelas frágeis folhas pareciam suportar as poderosas rajadas, evitando deixar os velhos e retorcidos ramos despídos.

Ao entrar no Dormitório, deparou-se com um estranho silêncio. Em Haiyah eram sempre audíveis vozes, havia sempre aprendizas a vaguear pelos corredores, ali somente o silêncio preenchia aquele lugar. Os seus passos ressoaram pelas grandes lajes cinzentas de pedra, sem qualquer tapete para tornar aquele lugar mais acolhedor. Parou em frente de uma porta. Abriu-a.

— Tuathla! — Exclamou surpreendida.

A guarda, sentada sobre a cama da aprendizas com um livro nas mãos, voltou os olhos para ela.

— Estava à tua espera.

— À minha espera!?

— Sim. Nia pediu-me que te levasse até ela.

Lakshmi viu Tuathla levantar-se, colocando o livro sobre a cama.

— Trouxe-o da Biblioteca. Pensei que gostasses de ler um pouco antes de dormir — justificou.

— Obrigada.

— Vamos?

A aprendizas anuiu. Não tardou a que fosse novamente fustigada pelo vento. Observou Tuathla. Envergava somente uma camisa e umas calças e avançava, como se o vento fosse a mais quente brisa de verão.

— Sabes porque é que Nia me chamou?

— Pelo que me confidenciou, não será unicamente Narkissa a ocupar-se da tua aprendizagem.

Lakshmi ficou pensativa, porque fazia Nia tanta questão de a ajudar? Tuathla conduziu-a por um caminho estreito que desembocou num largo. Em seu redor existiam estátuas de mulheres. Os seus rostos eram rígidos, frios, tal como os de Maeve e Dáiríne. Gigantescos pinheiros com as suas folhas semelhantes a agulhas erguiam-se de forma imponente por entre as estátuas. Nia encontrava-se de costas quando chegou.

— Obrigada, Tuathla, podes ir — foram as suas breves palavras.

A guarda trocou um curto sorriso com a aprendiz antes de a deixar na companhia da avatar.

— Deves estar curiosa — ouviu Lakshmi.

— Desculpe, Senhora, mas pensei que agora que Narkissa...

— Pensaste que seria unicamente ela ocupar-se da tua aprendizagem — interrompeu Nia voltando-se para ela — Achei que seria mais aconselhável ser eu a ajudar-te em certos aspetos, não que Narkissa não tivesse competências para o fazer.

Algo no tom de voz da avatar contradizia a serenidade do seu rosto.

— Mas chega de explicações sem importância, não foi para isso que pedi que viesses aqui.

Nia avançou alguns passos, parando exactamente no centro do largo.

— Usaste a kalis a nosso pedido durante a batalha em Haiah. Devo admitir que não esperava que o conseguisses do modo como o fizeste — Nia baixou-se tocando ligeiramente no pavimento — Chamei-te aqui porque quero pôr a tua resistência à prova, Lakshmi — disse, endireitando-se.

— A minha resistência?!

— Sim. Quero que te despojes das tuas vestes e te coloques no exato lugar onde me encontro e aqui permaneças até que o sol rompa no horizonte.

Lakshmi comprimiu um grito na garganta.

— A única coisa que manterás sobre o teu corpo será a kalis.

Lakshmi sentiu um arrepio mal despiu o casaco. O vento era tão frio que toda a sua pele se arrepiou instantaneamente. Nia observava a sua expressão enquanto ela retirava cada peça que cobria o seu corpo, até que se encontrou despida.

A aprendiz avançou até ao centro do largo.

— Não ficarás só, eu permanecerei aqui contigo para o caso de precisares.

Lakshmi manteve-se em silêncio. Não demorou a que a chuva começasse a cair sobre o seu corpo desnudado. As gotas de água eram de tal modo geladas, que tinha a sensação que era crivada por agulhas. Sentia-se enregelar.

— Braços estendidos ao longo do corpo — disse Nia ao ver que ela tencionava abraçar-se.

Lakshmi sentia uma vontade louca de se abraçar, de sair dali, pegar nas suas roupas, vesti-las e correr para a cama, ou para uma tina de água quente. Tentou abster-se do frio e da chuva olhando para Nia. Os cabelos de Nia, apanhados em carrapito, pingavam, as suas vestes estavam ensopadas mas ela mantinha-se direita, com os braços cruzados de forma descontraída sob os seios. Era como se a chuva e o frio não a incomodassem minimamente.

Haviam passado somente duas horas desde que ali se encontrava e Lakshmi sentia as pernas a fraquejar, ansiando por se sentar. Os pés, em contacto com a água, estavam de tal modo frios, que já pouco tinha noção deles.

— Mantêm-te direita — ouviu.

A vontade de se curvar era tanta...

— Não te foques no teu corpo, não deixes que o clima seja mais forte que tu. Tens de manter a tua mente distante, focada em chegar a amanhã ou em breve perderás os sentidos — a voz da avatar era serena.

Lakshmi fitou-a. Nia não parecia incomodar-se por estar ali com as roupas encharcadas e os cabelos molhados.

Finalmente a chuva parou. Contudo, o vento mantinha-se, gelando-as até aos ossos. Lakshmi fechou os olhos, sentia-se prestes a desfalecer. Recordou-se das palavras de Nia e de tudo o que já apreendera. Concentrou-se, a sua mente focou-se no calor; subitamente

ouviu um crepitar, sentia a essência de um elemento. Procurou-a, estava ali, estava ali na sua mente e só agora se apercebia da sua presença. Chamou-a. O crepitar do fogo tornava-se cada vez mais audível, o seu calor começava a tocar o seu corpo gelado. Sentiu-se acarinhada pelas chamas, o frio desapareceu instantaneamente.

Nia viu um sorriso nos lábios da aprendiz.

— Parece que percebeu o que tem de procurar — ouviu.

Maeve surgiu detrás de uma estátua.

— Sim, ela usa o fogo para se manter quente.

— Porém, a sua mente está demasiado concentrada em si própria. Neste momento é incapaz de ouvir uma só das palavras que trocamos. Aliás, é incapaz de sentir seja o que for — referiu Maeve, percorrendo o corpo da aprendiz com os olhos.

— É a primeira vez que é testada desta forma, em breve será capaz de o fazer como nós o fazemos; usar a essência dos elementos para assegurar a nossa vida e mantermo-nos conscientes em simultâneo.

Maeve encurtou o espaço que a separava de Lakshmi.

— Não sei porque perdes o teu tempo com ela — a sua voz era cortante.

Os olhos de Nia rebrilharam.

— Sei que o vês tão bem quanto eu. Olha para o seu corpo, Nia, vê. Teias de amor envolvem-no, aprisionam o seu coração. Uma avatar não pode estar entrelaçada com o amor, sabes disso. Liberta-a da proposta que aceitou e expulsa-a do Retiro — proferiu Maeve.

A face da grande avatar conservou a sua serenidade.

— Ela nunca será uma de nós, Nia.

— Tens razão, vejo-o tão bem quanto tu, Maeve assim, como vi o mesmo que vejo nela quando olho para aquele que a ama.

Maeve adoptou uma postura rígida. O seu rosto tornou-se mais austero que o das estátuas que as rodeavam.

— Conheces o rapaz que lhe deu o anel?

— Conheço.

— Não posso tolerar o que estás a fazer! Nunca uma aprendiz, cujas teias do amor entrelaçaram o seu coração se tornou avatar. Sabes tão bem quanto eu, que todas as que o tentaram fracassaram.

— As teias não entrelaçam unicamente o seu coração, Maeve, entrelaçam a sua alma.

Os punhos de Maeve fecharam-se.

— Liberta-a, manda-a embora do Retiro, alguém como ela está a contaminar este lugar. Ela não tem o direito de usar a kalis que lhe cai neste momento sobre o peito.

Nia descruzou os braços.

— Ainda sou a grande avatar, Maeve. Sou eu quem toma as decisões e não preciso da tua aprovação para fazer seja o que for. Lakshmi é da minha responsabilidade e não a irei libertar da proposta que aceitou.

Os lábios de Maeve contraíram-se cruelmente.

— Vais arrepender-te dessa decisão, Nia.

Maeve olhou mais uma vez para Lakshmi e afastou-se com passos quase insonoros, não se importando se os seus pés pisavam ou não, as muitas poças de água que preenchiam o largo.

Nia respirou fundo. Os seus olhos pregaram-se no rosto de Lakshmi.

— Vejo mais que qualquer outra avatar quando olho para ti, quando olho para o Aheik, quando vos vejo juntos — murmurou.

A aprendiz sentia-se abraçada pelo calor, mas subitamente tudo escureceu. O fogo, o seu calor desapareceu dando lugar a uma floresta. Olhou para si, envergava uma saia dividida em duas e uma camisa semelhante às que vira Tuathla usar. Os seus longos cabelos estavam soltos, repartindo-se entre o peito e as costas. Aproximou-se de um ribeiro observando o seu reflexo. Soube naquele momento que era aquela a quem chamavam Niamh. Assustou-se ao escutar um galope.

— Apanhem-na — ouviu.

Com o coração aos pulos, Niamh embrenhou-se na floresta. Correu por entre a vegetação até que uma raiz proeminente a fez cair. Tentou levantar-se, mas o pé ficara preso. O medo transfigurou o seu rosto, quando um dos perseguidores se aproximou. O homem desmontou, retirando o elmo que lhe cobria o rosto. Os seus olhos escuros não possuíam qualquer expressão.

— Não... não... — balbuciou Niamh tentando desesperadamente soltar o pé.

O homem avançava com passos lentos na sua direção. O pé soltou-se. Niamh gatinhou até se levantar, correndo. As suas vestes prendiam-se nos arbustos espinhosos, rasgando-se. Olhou para trás, não via o homem de olhar vazio. Parou. Onde poderia estar? Os seus olhos escrutinaram o espaço que a rodeava, mas subitamente uma mão apertou-lhe o pescoço por trás. Soltou um gemido, levando as mãos até às daquele que a sufocavam. Tentou desesperadamente afastá-las. O ar começou a faltar, sentia-se prestes a perder os sentidos. Aquele que a sufocava desviou o olhar para a esquerda, vendo surgir por entre as árvores um cavalo. O homem sobre a sela soltou a flecha que trazia assestada no arco. As mãos largaram o pescoço de Niamh, que se deixou cair levando uma mão a este e apoiando-se com a outra no solo. Respirava ofegantemente, tentando inspirar o máximo de ar possível.

— Está bem? — Perguntou aquele que a salvara, apeando-se.

Ela tentou falar, mas a dor na garganta estrangulava-lhe as palavras.

— Tenha calma, respire pausadamente — ouviu.

Niamh acalmou-se fazendo o que o desconhecido lhe dissera. Finalmente a sensação de sufoco começou a desaparecer. Olhou para o desconhecido à sua frente. O seu coração palpitou de forma intensa, quando os seus olhares se cruzaram. O homem à sua frente tinha cabelos e olhos escuros e pele morena. A julgar pela sua aparência mal teria atingido a casa dos trinta.

Por momentos ficaram ambos no mais profundo silêncio, então ele estendeu-lhe a mão dizendo:

— Permita-me que a ajude.

Niamh, repreendendo-se por não conseguir desviar o seu olhar dos olhos dele, aceitou a sua ajuda.

— Obrigada — agradeceu.

— Perdoe a minha indelicadeza, dama minha. Eogan Katso, capitão dos cavaleiros de Trivelyn — apresentou-se ele.

Niamh teve plena consciência que o seu rosto ruborescera.

— Niamh Mariön.

— A tua provação terminou — aquela voz desvaneceu todo aquele lugar.

Lakshmi sentiu um frio quase insuportável percorrer o seu corpo. Abriu os olhos. Nia fitava-a.

— Podes vestir-te — disse a avatar.

Lakshmi apercebeu-se que já amanhecera. Passara ali a noite! Tentou dar um passo, mas caiu.

— Ajuda-a por favor — ouviu.

Não tardou a sentir um cobertor sobre o seu corpo.

— Vou levar-te para o quarto — era Tuathla.

A guarda ajudou-a a levantar, amparando-a durante todo o percurso de volta ao Dormitório.

Andora viu a aprendiz do terceiro Nith entrar somente com um cobertor a cobrir-lhe o corpo. A sua pele estava terrivelmente pálida e os lábios arroxeados, como se tivesse estado exposta ao frio por horas.

— Lakshmi o que te aconteceu? — Indagou.

Tuathla fez-lhe sinal para não se aproximar.

— Ela está bem? — Insistiu Andora.

— Sim — foi a curta resposta.

Andora precipitou-se para o quarto de Elisheba.

— Não vais acreditar no que acabo de ver — disse.

Elisheba, que escovava os cabelos, fitou-a.

— Conta de uma vez — pediu.

Andora sentou-se na cama da colega de Nith, contando-lhe como vira Lakshmi entrar amparada pela guarda. Elisheba levantou-se num impulso.

— Tenho de lá ir, diz a Iantha que me castigue se o desejar, mas não vou deixar a minha amiga sozinha no estado em que dizes que se encontra.

Andora viu-a sair do quarto antes que lhe pudesse dizer mais uma palavra que fosse.

Tuathla ajudava a aprendiz a sentar-se na cama quando a porta se abriu.

— Lakshmi — ouviram.

Tuathla viu a preocupação estampar-se no rosto de Elisheba.

— Oh meu Deus, o que aconteceu, o que te fizeram? — Perguntou a aprendiz tocando no rosto da amiga.

— Vou preparar-lhe um banho. Fica com ela até ao meu regresso — a guarda saiu.

Elisheba sentou-se ao lado de Lakshmi.

— O que te fizeram... estás gelada! — Exclamou tocando-lhe.

— Nia quis pôr a minha resistência à prova.

— Como assim?

Lakshmi apertou o cobertor em seu redor contando à amiga o que se passara consigo.

Minutos depois eram audíveis passos apressados percorrendo o corredor até a porta do quarto se tornar a abrir.

— O banho está pronto. Ajuda-me a levá-la — pediu Tuathla.

Elisheba amparou Lakshmi até uma ampla divisão situada no final do corredor. A um canto era visível uma tina de madeira. O vapor elevava-se do seu interior.

— Tive o cuidado de não deixar a água muito quente, para que não sofresses um violento choque térmico — mencionou a guarda, retirando o cobertor que cobria o corpo da jovem.

Devagar ajudaram-na a entrar na tina.

— Vou buscar roupas limpas — Elisheba saiu.

Tuathla observou Lakshmi.

— Tiveste muita coragem em teres aceitado passar a noite ao relento daquela forma — disse.

— Foi uma provação.

Tuathla meneou a cabeça.

— Já vi Dáiríne fazer o que fizeste inúmeras vezes. Nia nunca lhe pediu que se desnudasse por completo.

— O que dizes! — Ouviram ambas.

Zahara encontrava-se na soleira da porta. A cabeça de Elisheba surgia por trás da aprendiz do segundo Nith.

— Será que ouvi bem? Tuathla está a querer dizer que Nia obrigou Lakshmi a passar uma provação à qual nem as próprias avatares são sujeitas.

A guarda endireitou-se.

— As avatares fazem frequentemente provas de resistência, mas esta foi a primeira vez que vi uma, como a que a vossa amiga foi submetida.



— Diz-me, como são normalmente essas provas?

Tuathla cruzou os braços explicando que a duração da prova era muito inferior à que Lakshmi tivera de suportar e que nenhuma avatar se despojava das suas vestes por completo.

Os olhos de Zahara faiscaram, deu meia-volta com tal rapidez que Elisheba quase caiu, quando ela a afastou com o braço.

— Onde é que ela vai? — Perguntou a jovem de cabelos encaicolados.

— Temo que fazer a maior asneira que uma aprendiz pode fazer — foi a resposta de Tuathla.

Zahara tomou a direção do edifício, onde sabia que Nia se encontrava. Entrou neste com passos decididos. Parou ao encontrar-se com Dáiríne, que a observou de alto a baixo.

— Isso não são modos de uma aprendiz se apresentar perante uma avatar, Zahara Nashel — a voz de Dáiríne era seca.

— Vim falar com Nia — disse.

A avatar manteve a sua expressão, aparentemente imperturbável.

— Desde quando tratas uma avatar unicamente pelo seu nome? — Perguntou.

Zahara sentiu a raiva apoderar-se de si, queria falar com Nia, não ouvir as descomposturas de Dáiríne.

— Deixe-me passar — exigiu.

Dáiríne deitou-lhe um olhar glacial.

— As tuas palavras fazem-te esperar um belo castigo, aprendiz.

— Faça como entender, castigue-me, expulse-me mas saia da minha frente!

— Como ousas falar-me nesse tom — a voz da avatar não expressava qualquer emoção.

Nesse momento Nia surgiu junto da porta do seu gabinete.

— O que se passa aqui? — Indagou.

— Nada, esta aprendiz apenas precisa ser castigada pelo seu comportamento insolente.

— Quero falar consigo, Nia Haiah, imediatamente — disse Zahara ignorando o olhar da mulher que substituíra Medea.

— A grande avatar está muito ocupada, não tem tempo para...

— Não, Dáiríne, eu vou recebê-la, deixa-a passar.

A avatar mais jovem contraiu ligeiramente os lábios, afastando-se. Zahara passou por ela entrando no gabinete de Nia, que fechou a porta.

— Espero que tenhas um bom motivo para teres despoletado o castigo que certamente te espera mal deixes este gabinete, criança — disse a idosa.

Zahara apertou a saia.

— Não sou uma criança, pare de me tratar como se ainda o fosse.

Nia manteve uma expressão serena.

— Muito bem, minha jovem — disse dirigindo-se para a sua cadeira atrás de uma secretária de pinho.

Zahara esperou que ela se sentasse para falar.

— Porque submeteu Lakshmi a tal insensatez? — Perguntou.

Nia entrelaçou os dedos das mãos.

— Presumo que te refiras à prova de resistência.

— Sabe muito bem que é a isso que me refiro. Não viu o estado em que ela ficou! Podia ter morrido por um capricho seu, não tem o direito...

— É melhor acalmes-te, Zahara. Senta-te, por favor.

Zahara visivelmente contrariada sentou-se na cadeira à sua frente.

— Porque lhe pediu que tirasse as roupas, que permanecesse uma noite inteira exposta ao frio, quando nem você mesma o faz? — Perguntou sem rodeios.

— Como grande avatar sou informada da entrada de todas as aprendizas em Haiah. A informação que me chegou sobre ti dizia que eras uma jovem egoísta e extremamente arrogante que se achava superior a todas as outras.

— Porque está a falar de mim?

— Porque te vejo neste preciso momento aqui, sentada à minha frente por causa de outra pessoa.

Zahara empalideceu.

— Parece que algumas mudanças ocorreram em ti, fico muito contente por isso.

A aprendiz do segundo Nith ficou silenciosa.

— Quanto a Lakshmi, pedi-lhe o que lhe pedi porque era preciso e não por um capricho meu, como referiste. Vejo que estás preocupada com o seu estado de saúde, mas asseguro-te que ela ficará bem. Um bom banho e uma sopa bem quente é tudo o que precisa.

— Como pôde deixá-la ali durante uma noite como a de ontem! Os lábios de Nia esboçaram um sorriso amável.

— Esta provação irá ajudá-la de futuro.

As sobrancelhas de Zahara contraíram-se.

— O que quer dizer?

Nia levantou-se.

— Dáiríne espera-te para lá daquela porta, assim como possivelmente um castigo.

Zahara soube que aquela mulher não lhe diria mais nada. Levantou-se e deixou o gabinete. Tal como Nia dissera, Dáiríne aguardava-a lançando-lhe um olhar implacável.

— Segue-me — foi a única palavra que lhe dirigiu.

Zahara seguiu a avatar até ao exterior. Percorreram um caminho que as levou até próximo de onde se encontrava Iantha com Mirrella e Andora, que examinavam uma planta.

Dáiríne apoiou as mãos nas ancas, enquanto o seu olhar se concentrava num amplo canteiro.

— Quero que limpes este canteiro até ao final do dia. Não quero ver uma única erva daninha quando o crepúsculo chegar — disse.

Zahara manteve a compostura, mas Iantha pôde aperceber-se que a cólera inundava o seu olhar.

— Não esperes que te entregue luvas para não te magoares. Vais arrancar todos os arbustos e ervas daninhas com as mãos, mesmo os repletos de espinhos. Agora cumpre o teu castigo Zahara Nashel.

Zahara respirou fundo endireitando-se. Entrou no canteiro, arregaçou as mangas e arrancou a primeira erva.

Dáiríne voltou-lhe as costas, afastando-se até que Iantha lhe cortou o caminho perguntando-lhe:

— O que fez ela para merecer este castigo?

A outra olhou-a de soslaio.

— Ela é da minha responsabilidade — respondeu, rodeando Iantha e prosseguindo o seu caminho.

Mirella e Andora observaram Zahara. Continuava a arrancar as inúmeras ervas que pululavam no canteiro, que dava mostras de não ser tratado há muito.

A aprendiz do segundo Nith ficava pouco depois sozinha. A raiva que sentia por Dáiríne crescia cada vez mais. Subitamente, alguns espinhos cravaram-se nas suas mãos.

— Maldita, maldita avatar! — Vociferou ignorando o sangue que lhe manchava agora os dedos.

Nia observava-a da janela do seu gabinete, nos seus lábios era visível um sorriso maternal.

## Planos

O sol despontava no horizonte, quando Étaín entrou nos aposentos de Kyran. Com passos abafados aproximou-se de uma janela e afastou os cortinados, permitindo que os primeiros raios de sol incidissem sobre a cama.

Kyran acordou.

— Vocês as duas, saiam — ouviu.

As mulheres deitadas ao lado do cavaleiro despertaram.

— Estão à espera de um convite, minhas senhoras? — Ouviram.

Kyran sentou-se, enquanto as mulheres abandonavam o quarto praticamente sem roupa alguma a cobrir-lhes o corpo.

— Devias ter batido — disse bocejando.

— Fui informada que as forças inimigas foram praticamente dizimadas, mas que também houve baixas entre os Shatrus.

— Acordaste-me somente para me dizeres isso? — Perguntou Kyran com desconfiança.

— Acordei-te porque vais partir.

— Partir!?

— Perdição será o nosso destino. Os espões localizaram uma das tribos que procuramos.

Um sorriso alongou os lábios do cavaleiro.

— Finalmente um pouco de ação — disse.

Étaín manteve uma expressão séria.

— Levanta-te e veste-te — era uma ordem.

Kyran afastou os lençóis, deixando a cama sem qualquer roupa a cobrir-lhe o corpo.

A elfo mostrou-se totalmente indiferente a esse facto.

— Étaín — chamou alguém.

Esta lançou um olhar na direção da porta entreaberta, vendo Wayra no corredor. Voltou-se para Kyran.

— Espero-te lá fora — disse.

Mal saiu, Wayra informou-a que acabavam de chegar alguns daqueles que iriam formar os novos cavaleiros de Rodänrien.

— Excelente. Ocupa-te deles. Testa-os, quero somente os melhores.

— Pensei que fosse o Kyran a ocupar-se dessa tarefa.

— O Kyran partirá comigo dentro de minutos para a Perdição.

Wayra não escondeu a sua admiração.

— Porque o levas contigo? — Questionou.

A elfo mexeu sensualmente nos cabelos.

— Prefiro que esteja comigo.

— E quem ficará no comando da capital na tua ausência? Presumo que não seja Zaphyr.

Os dedos de Étaín tocaram no rosto de Wayra.

— Deixo tudo nas tuas mãos, sei que não me desapontarás. Zaphyr nem se vai aperceber da minha ausência. Pedi-lhe que examinasse todos os documentos que Dionysus tinha em sua posse, isso deve ocupá-lo até ao meu regresso — disse.

— A sucessão está a demorar, Étaín. Não devias permitir que esta situação se arraste. Manter Dionysus vivo é um risco, sabes disso.

— Relaxa, Wayra.

Kyran deixou o quarto já pronto para a viagem. Étaín fez-lhe sinal para a seguir. Wayra lançou um olhar de desprezo àquele que em breve seria nomeado capitão, quando este passou por ele.

Na frente do palácio encontravam-se dois cavalos já devidamente selados. Um espião segurava-os pelas rédeas.

— Vamos sozinhos? — Perguntou Kyran não vendo mais ninguém.

— Estás com medo?

Ele riu-se.

— Deveria senti-lo?

Étaín montou com graciosidade sobre o dorso do cavalo negro enquanto lhe explicava que se encontrariam com dois espiões na Perdição.

— Pareces muito segura em como vais conseguir uma aliança com os Shatrus que habitam na Perdição — comentou Kyran montando.

Étaín endireitou-se sobre a sela.

— Tenho os meus meios.

A elfo incitou o cavalo que avançou a galope na direção dos portões do palácio.

Wayra seguia-os da varanda do quarto do cavaleiro até os perder de vista. Rodou sobre os calcanhares entrando na divisão. Vestidos, meias, corpetes e cuecas espalhavam-se pelo chão do quarto.

— Aproveita enquanto podes, Kyran — disse entre dentes.

...

Lochan apagava a fogueira que os mantivera quentes durante a noite. Rámon, sentado junto de uma árvore, mostrava-se perdido nos seus próprios pensamentos enquanto Aheik e Rhea falavam entre si a alguma distância dos restantes. Não tardou a que a sua conversa fosse interrompida pela voz de Lochan, anunciando que estava na hora de prosseguir.

Uma vez que só dispunham de três cavalos, Aheik e Rhea partilhavam o mesmo.

— Será que o Kyran está bem?

Aheik sentiu o coração apertar-se.

— Quero tanto acreditar que sim — disse.

— Pode estar fechado numa cela, pode estar ferido...

O cavaleiro de olhos azuis notou algo mais que uma grande preocupação na voz de Rhea.

— Uma vez disseste-me que tinhas encontrado a pessoa com quem passarias o resto da tua vida. Contudo, o destino que escolheste para ti fazia-te ser unicamente seu amigo. Diz-me, a pessoa a quem te referias era o Kyran, não era?

Rhea sentiu-se ruborizar.

— Eu...

— As tuas reações sempre que ele comentava que passara a noite com determinada mulher, a forma como agias sempre que o

vias interessado numa. Às vezes parecias estar com ciúmes... Estás apaixonada por ele, estou certo?

Os braços dela apertaram-se em redor da cintura dele.

— Sim. Eu... eu gosto dele. Era tão difícil estar junto dele e não poder confessar-lhe os meus sentimentos. Era tão difícil vê-lo com outras...

Aheik esboçou um sorriso.

— Quando tudo isto acabar poderás contar-lhe a verdade, dizer-lhe quem és — disse.

A expressão de Rhea entristeceu, talvez Kyran nunca a perdoasse por lhe escondido a verdade durante tantos anos e depois, bem depois tinha olhos na cara capazes de ver que não era de forma alguma o tipo de mulher por quem Kyran se fosse interessar.

As sombras do poente projectavam-se sobre eles quando divisaram Alcirin.

— Abram as portas — ordenou uma sentinela ao avistar o Senhor de Calçan.

Rapidamente a ordem foi cumprida, permitindo a entrada do governador e daqueles que o acompanhavam.

Lilith estava perto dos portões do palácio quando os viu chegar.

— Rhys, Aheik — chamou precipitando-se para eles.

Os cavaleiros desmontaram. Lilith correu para o irmão, abraçando-o enquanto o governador desaparecia nos seus aposentos.

— Estás ferido? — Perguntou apercebendo-se que tinha o ombro enfaixado.

— Estou bem, não te preocupes.

Os olhos de Lilith voltaram-se para os outros dois perguntando-lhes o que acontecera e onde estavam os cavaleiros de Alcirin. Lochan, com algum pesar, referiu-lhe que tinham sido atacados pelos Shatrus e que não regressaria mais ninguém.

Lilith empalideceu.

— Preciso falar contigo, minha irmã — segredou-lhe Rhea apertando-lhe fortemente a mão.

Aheik viu-as entrar no edifício à sua frente.

— O que fará Ramón agora? — Perguntou.



Lochan deu uma leve palmada no pescoço do cavalo que resfolgou.

— Não sei, mas eu não tenciono permanecer aqui indefinidamente.

— Vais partir?

— Sim.

— Para a capital?

— Preciso descobrir o que planeia Étaín.

Aheik olhou para a fita em redor do seu pulso.

— Avisa-me quando tencionares deixar a cidade — pediu, encaminhando-se para o palácio.

Enquanto Rhea contava à irmã que o seu segredo fora descoberto por Aheik, este entrava no seu quarto. Dirigiu-se à cómoda vendo-se reflectido no espelho pendurado sobre o móvel.

— Lamento profundamente as vidas que se perderam.

Deslizou sobre os calcanhares encontrando Líobhan a poucos passos de si.

— Estavas presente? — Perguntou.

Ela anuiu.

— Porque não interferiste? Algumas vidas poderiam ter sido...

— Estou aqui para te proteger a ti, somente a ti, Aheik.

A expressão dele tornou-se dura.

— Do que me proteges?

O olhar da elfo desviou-se do rosto dele.

— Daquela que reclamará a tua vida — murmurou.

Aheik avançou para ela.

— De quem falas?

— O nome Étaín lembra-te alguma coisa?

O cavaleiro sentiu a pele arrepiar-se, tal como sempre sentia quando aquele nome era pronunciado.

— Lochan falou-me dessa mulher. Vi-a na capital, uma vez.

Líobhan baixou os olhos como se sentisse dor.

— No passado, quando eras Eogan lutavas contra ela e os seus aliados. Étaín sempre desejou a Estrela de Nariën e tudo fez para se apoderar desta... A esposa de Eogan, Niamh, era a sua guardiã.

— Isso quer dizer que...

— Que ela era o principal alvo de Étaín. Tu impediste-a vezes sem conta de se aproximar de Niamh. Eogan foi o seu principal inimigo, aquele que sempre fez com que os seus planos fracassassem.

— Líobhan conta-me a verdade, o que se está a passar? Lochan diz que essa tal Étaín é a culpada pela guerra que se apoderou deste Império...

— E diz a verdade, foi Étaín quem desencadeou tudo isto. Ela procura a Estrela que desapareceu após uma milésima parte do seu poder ter sido libertado pela sua guardiã, devastando Flécian, transformando aquelas terras no que actualmente conheces como Perdição.

— Disseste que a procura?

Líobhan explicou-lhe que segundo a lenda, a Estrela de Nariën cairia num sono profundo sempre que o seu poder fosse evocado, um sono que se prolongaria até que esse mesmo poder fosse restaurado. Segundo antigos escritos, na sua forma adormecida, Nariën não passava de um velho medalhão enferrujado incapaz de constituir qualquer ameaça, porém quando o seu poder fosse restaurado, todo o medalhão resplandeceria como se fosse feito do mais puro ouro.

— Mas onde me encaixo eu nessa história?

A expressão de Líobhan endureceu.

— Étaín odiava Eogan porque ele foi o principal responsável por Niamh ter evocado Nariën. Ela sabe da tua existência, Aheik, e teme que a história se repita. Étaín não vai tolerar que voltes a interferir nos seus planos, nem tu, nem Niamh. Ambos correm um grave perigo se ela souber quem são. Mynara encontrou-te naquele dia na capital, sabemos que és a reencarnação de Eogan, mas não sabemos quem é a reencarnação de Niamh, ou onde poderá estar.

Aheik concentrou-se na fita atada ao seu pulso.

— Mynara disse-me que iria reencontrar o amor.

— Aquela aprendiz... Disseste que a amavas.

— Achas que Lakshmi é a reencarnação de Niamh?

— É a nossa melhor candidata.

Aheik sentiu-se levemente embaraçado ao dizer:

— Desde o primeiro segundo em que a vi que sinto que nos conhecemos.

— Os teus sentimentos são um forte indício. Mas preciso de ter certezas e só as poderei ter falando com ela. Se for a reencarnação de Niamh deverá ter visões sobre o passado, tal como tu.

— Lakshmi partiu para um lugar conhecido como o Retiro da Senhora da Sabedoria. Infelizmente ignoro a sua localização.

Subitamente, ouviu-se uma batida na porta. Aheik lançou um olhar na direção desta, quando se voltou novamente para Líobhan, a elfo tinha desaparecido.

Ao abrir a porta deparou-se com Ramón. A preocupação transparecia no seu rosto.

— Acabo de receber uma mensagem do governador de Dalmítrion. Os seus cavaleiros foram igualmente atacados — foram as primeiras palavras do Senhor de Calçan.

Aheik afastou-se permitindo a entrada de Ramón no quarto.

— Agora não resta qualquer dúvida, Ramón. Alguém informou o inimigo dos nossos planos — disse.

O Senhor de Calçan cerrou os punhos.

— Quem poderá ter feito semelhante coisa?!

— Provavelmente um criado subornado por uma boa quantia.

— Não posso acreditar! — Ramón levou as mãos à cabeça, deixando transparecer que não sabia o que fazer — Perdi praticamente todos os homens capazes de combater, Aheik, como posso dar continuidade ao plano! Não posso partir e deixar Alcirin totalmente vulnerável a um ataque!

O cavaleiro compreendia a situação em que Ramón se encontrava.

— Creio que a melhor opção será pedir ajuda às restantes cidades. Se todas dispensarem alguns dos seus cavaleiros conseguiremos uma força muito superior à dos Shatrus.

— Sim, essa não é apenas a melhor opção que encontro, mas a única. Mandarei pombos com mensagens a todos os governadores, só espero que aceitem. Contudo, levará algum tempo até que estejamos prontos para cercar Rodänrien e ignoro o que se passa no interior das suas muralhas.

— Talvez eu e o Lochan possamos ajudar-te.

Rámon fitou diretamente Aheik, que lhe comunicou a sua intenção de ir novamente a Rodänrien na companhia de Lochan.

O governador levou uma mão ao queixo, coçando-o numa atitude meditativa.

— É arriscado, mas talvez seja a nossa única hipótese.

— Vou falar com Lochan e partimos o mais depressa possível.

Rámon apertou os ombros do cavaleiro.

— Nunca te agradecerei o suficiente por toda a tua ajuda, Aheik.

Depois de ter inteirado Lochan da sua conversa com Rámon, Aheik preparou-se para a viagem e na madrugada seguinte deixou Alcirin.

...

Zaphyr despertou com um forte ruído no exterior. Envergando um roupão aproximou-se de uma janela. Eram visíveis Shatrus no exterior. Quase deu um salto quando bateram na porta dos seus aposentos.

— Quem é? — Perguntou tentando manter uma voz firme.

— Cilliam, senhor.

Respirou de alívio, era um dos homens de Wayra.

— Entra.

O homem entrou fazendo uma reverência.

— Vahor acaba de chegar e encontra-se na sala do trono aguardando a sua presença, senhor.

Zaphyr sentiu as pernas fraquejarem.

— Aguardando a minha presença... Pede ao Wayra que se ocupe do líder dos Shatrus — disse.

— Desculpe, senhor, mas Wayra não se encontra no palácio e não creio que seja prudente deixar Vahor à espera.

— E a dama Étaín?

— A dama e Kyran deixaram a cidade.

Zaphyr quase gaguejou ao dizer:

— Pede ao líder dos Shatrus que aguarde somente mais alguns minutos.

— Certamente — Cilliam fez nova vénia e saiu.

Zaphyr apoiou-se na cómoda.

— Como puderam deixar-me só com aquele... ser... e agora o que vou fazer! Étaín mandaria esfolar-me vivo, se por algum motivo enfurecesse o líder dos Shatrus e ele quebrasse a aliança — disse olhando para o seu reflexo num amplo espelho.

Com as mãos trémulas trocou de roupa e deixou o quarto, tomando a direção da sala do trono. Ao chegar junto das portas sentiu-se prestes a desfalecer. Fechou os olhos tentando acalmar-se. Respirou fundo e entrou.

Vahor encontrava-se no centro da sala. O sangue era visível nas suas vestes.

— Peço-lhe desculpas pela demora, grande líder — começou por dizer Zaphyr tentando manter-se tão firme como Étaín sempre que estava na presença de um membro daquele povo.

— Vim informá-lo do sucesso da missão — a voz de Vahor era possante.

— Sucesso... Excelente. Dou-lhe os parabéns — apressou-se a dizer aquele que em breve seria coroado rei.

Vahor lançou-lhe um olhar profundo. Zaphyr caiu literalmente no trono. Sentiu uma gota de suor percorrer-lhe a fronte e desejou que o Shatrus não a tivesse visto.

— Perdi alguns dos meus valorosos guerreiros, mas assegurámos a vitória sobre o inimigo — declarou ainda Vahor.

— Étaín ficará bastante satisfeita com os seus préstimos.

O Shatrus moveu os braços. Zaphyr sentiu o coração palpar loucamente, até se aperceber que ele somente os cruzara sobre o peito.

— O que devo fazer agora? — Perguntou Vahor.

Zaphyr abriu a boca, mas nem uma única palavra a deixou. O que fazer? Vahor estava a perguntar-lhe o que fazer agora! O que deveria responder, não fazia a mínima ideia dos planos de Étaín. Onde estava Wayra agora que precisava dele!

— A... bem... agora, agora permaneça na cidade até novas ordens — acabou por responder.

Vahor descruzou os braços num gesto rápido e deu meia-volta. Os seus passos ressoaram pela sala até ele sair. Zaphyr soltou um profundo suspiro limpando a testa com um lenço de seda. Por mais

que tentasse não conseguia ter a frieza de Wayra e Étaín quando se encontravam perante um Shatrus.